



PUC RIO

FERNANDO ANTONIO FEITOZA DOS SANTOS

AValiação DOS CONCEITOS DE OBJETO E DE RELações OBJETAIS
NA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA DE MELANIE KLEIN

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Agosto de 1980.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

FERNANDO ANTONIO FEITOZA DOS SANTOS

AVALIAÇÃO DOS CONCEITOS DE OBJETO E DE RELAÇÕES OBJETAIS NA
CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA DE MELANIE KLEIN

Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Terezinha Fêres Carneiro.

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Agosto de 1980

78007



114313

BR

150
S237 av

TESE UC

BT 3536-5

PC 9

N.Cham. 150 S237av TESE UC

Título Avaliação dos conceitos de objeto e de relações objetais na



Ex.1 PUCB

0114313

Med



A meus pais

Meus agradecimentos

- ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro nas pessoas de Terezinha Féres Carneiro e Cristina Quadrado Bermudez pelo empenho demonstrado para que essa dissertação fosse realizada.
- a Terezinha Féres Carneiro pela disponibilidade em orientar esse trabalho.
- a Wilson de Lyra Chebabi pelas valiosíssimas e dedicadas consultorias.
- a José Fernando Cavalcanti pela colaboração e atenção para comigo.
- a Pedro Américo Corrêa Netto pelos esclarecimentos iniciais.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal fazer uma avaliação do conceito de objeto, em ordem cronológica, respeitando a sucessão histórica de sua emergência, no conjunto de obras de Melanie Klein, verificando a importância do mesmo no sentido de ter ou não acionado o desenvolvimento desta concepção, a sua consistência e a relação que possa ter com outros conceitos ou hipóteses fundamentais.

O conceito de objeto não surgiu originalmente na psicanálise, a qual passou a se utilizar dele de determinadas formas, tanto que o exame que aqui empreendemos acerca das concepções de Freud, Abraham, Fairbairn e Sullivan, demonstrou que seu sentido é bem mais amplo do que possa parecer na psicanálise, já que ele vem sendo empregado de diferentes maneiras.

Se bem que tomado por Freud, a contribuição desenvolvida pela assim chamada Escola Inglesa de Psicanálise, especialmente através de Melanie Klein, aprofundou consideravelmente o conceito de objeto, ressaltando a sua importância na estruturação do ego e do superego, ou seja, no desenvolvimento da personalidade.

Portanto, o estudo do conceito de objeto torna-se imprescindível para a dinâmica do processo psicanalítico tal como Melanie Klein e seguidores o vêm, e ficou evidenciado que, em primeiro lugar, ela enriquece consideravelmente o conceito, o qual possui aproximadamente uma dezena de nuances de significado. Além de ser fundamental ao longo de toda a sua obra (tanto em seus trabalhos teóricos quanto técnicos), mantém-se insistente e consistente, presentificando-se ainda mais nos seus últimos trabalhos, e finalmente se enriquece com outros conceitos ou hipóteses fundamentais - os impulsos agressivos e amorosos, a fase de exacerbação do sadismo, as ansiedades persecutória e depressiva, a projeção, a introjeção, as defesas maníacas, a

inveja, a voracidade, as tendências à reparação e as posições esquizo-paranóide e depressiva -, sem os quais não seria compreendido.

Em segundo lugar a relação de objeto na obra de Melanie Klein tende para uma forma mais plena que é a relação interpessoal no sentido Sullivaniano, a qual, por sua vez, como vimos, também está implícita no universo de Fairbairn. Desta forma, as concepções de Freud, Abraham, Fairbairn, Sullivan bem como a de Melanie Klein, longe de se excluírem, se completam.

RESUMÉ

Cette dissertation a pour principal but l'estimation du concept d'object, chronologiquement, tenant compte de la succession historique de son émergence, à l'ensemble des oeuvres de Melanie Klein, vérifiant son importance au sens d'avoir ou non actionné le développement de cette conception, sa consistance et le rapport qu'il puisse avoir avec d'autres concepts ou hypothèses fondamentales.

Le concept d'object n'a pas surgi originalement dans la psychanalyse, tant que l'examen que nous avons fait ici des conceptions de Freud, Abraham, Fairbairn et Sullivan a démontré que son sens est bien plus grand qu'il puisse paraître en psychanalyse, étant donné qu'il est employé de plusieurs façons.

Même pris par Freud, la contribution développée par l'École Anglaise de Psychanalyse, spécialement à travers Melanie Klein, a creusé considérablement le concept d'object, rebondant son importance pour la structure du moi et du surmoi, c'est-à-dire, pour le développement de la personnalité.

Pourtant, l'étude du concept d'object devient indispensable pour la compréhension de la dynamique du processus psychanalytique comme Melanie Klein et collaborateurs le voient, et l'on a mis en évidence que, première-

ment, elle enrichit considérablement le concept, lequel possède à peu près une dizaine de nuances de signification. En outre d'être fondamental au cours de son oeuvre (aux travaux théoriques aussi qu'aux techniques), il se maintient insistant et consistant, en se présentifiant chaque fois plus au cours de ses derniers travaux, et finalement il s'enrichit avec d'autres concepts ou hypothèses - les pulsions agressives et amoureuses, la phase d'exacerbation du sadisme, les angoisses persécutive et dépressive, la projection, l'introjection, les défenses maniaques, l'envie, la voracité, les tendances à la réparation et les positions schizo-paranoïde et dépressive-, sans lesquels il ne serait pas compris.

Deuxièmement, la relation d'objet à l'oeuvre de Melanie Klein tend à une forme plus pleine qui est la relation interpersonnelle au sens Sullivanien, laquelle, à son temps, comme l'on a vu, est implicite dans l'univers de Fairbairn. Ainsi, les conceptions de Freud, Abraham, Fairbairn et celle de Melanie Klein, au lieu de s'écarter, se complètent.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 - VIDA E OBRA DE MELANIE KLEIN	6
1.1 - Resumo Biográfico de Melanie Klein	6
1.2 - Resumo da Obra de Melanie Klein	10
2 - OBJETO E RELAÇÕES OBJETAIS NA TEORIA PSICANALÍTICA	13
2.1 - Sigmund Freud	13
2.2 - Karl Abraham	18
2.3 - W. Ronald D. Fairbairn	21
2.4 - Harry Stuck Sullivan	24
2.5 - Considerações Gerais	27
3 - OBJETO E RELAÇÕES OBJETAIS NA OBRA DE MELANIE KLEIN	33
3.1 - Trabalhos Anteriores a 1933	33
3.2 - Trabalhos de 1933 a 1945	66
3.3 - Trabalhos Posteriores a 1945	79
4 - CONCLUSÕES	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

INTRODUÇÃO

A questão das relações objetais há muito vem preocupando os psicanalistas, os quais debateram-na e continuam a fazê-lo, sem contudo se obter uma unidade de opiniões, em vista da multiplicidade de facetas com que ela se nos apresenta. Nesta dissertação buscaremos iluminar os diversos caminhos pelos quais os analistas têm percorrido no estudo, em psicanálise, do que vem sendo chamado de objeto, focalizando especialmente a obra de Melanie Klein.

O conceito de objeto não surgiu originalmente na psicanálise, a qual passou a se utilizar dele de determinadas formas. É natural que assim seja, pois esta última apropriou-se de conceitos que haviam sido organizados pela cultura da qual brotou. Por isso mesmo, as ressonâncias de cada palavra quando pronunciada ou escrita são inúmeras, e se prestam sempre à constituição de equívocos. Logo, todo esforço como esse, de balizar a configuração específica do uso de uma palavra dentro do território de uma ciência, contribui para a elucidação do conhecimento.

Passando os olhos por um dicionário de Filosofia, descobrimos, por exemplo, em José Ferrarter Mora(47) que o termo objeto deriva de objectum, particípio passado do verbo objicio (cujo infinitivo é objicere), o qual encerra o sentido de lançar diante de si, oferecer-se, expor-se a algo, apresentar-se aos olhos. No sentido figurado significa propor, causar, inspirar (um pensamento ou sentimento), opor (algo em defesa própria), interpor. Objeto (objectum) significa geralmente o contraposto, analogamente ao vocábulo grego antikéimenon e ao alemão GegenStand, traduzidos, comumente por objeto, ou seja, aquilo com que eu me confronto.

Os Escolásticos (século XIV) entenderam por objeto (objectum) várias coisas: por exemplo, na Metafísica o objeto é o fim do universo; na Teoria

do Conhecimento é o fim do ato do conhecimento; na Ética é a finalidade ou propósito de toda ação moral. Subjacente a essas idéias podemos facilmente perceber um significado comum de objeto que vem a ser o de finalidade, com ênfase nos sentidos metafísico e gnoseológico.

O termo objetivo (objectivum) também foi utilizado pelos Escolásticos, os quais distinguiram um conceito objetivo e um conceito formal. O primeiro é o objeto enquanto pensado e o segundo é o ato de pensar. Sendo assim, existir objetivamente equivale a estar no pensamento ou na representação.

A partir de Baumgarten e Kant objetivo foi utilizado com freqüência para designar o que não reside meramente no sujeito em contraposição a subjetivo, entendido como o que está no sujeito, ou seja, o objeto em si é inalcançável, está fora do alcance cabal do sujeito, o qual ao procurar apreendê-lo nunca será totalmente objetivo.

Dessa forma, tomando-se a idéia de "ser objetivo" como "ser representado" dos Escolásticos, objeto e objetivo não se determinam como real frente ao sujeito e subjetivo, ao que a psicanálise trouxe contribuição valiosa ao mostrar que a relação do sujeito com o real pressupõe sempre suas fantasias: o objeto, aquilo que coloco diante de mim é uma parcela da realidade e o entendimento que dela eu exerço. Já para Baumgarten e Kant, ao contrário, o objeto é equiparado à realidade, em contraposição com o sujeito, o qual visto de fora é um objeto, porém visto de dentro é aquele que conhece, quer, sente, etc., o objeto.

Nos seus "Tres Ensayos para Una Teoria Sexual" (1905)(5) Freud já havia compreendido a passagem das posições auto-eróticas às posições objetivas e em 1915 em "Los Instintos y sus Destinos"(8) define o objeto como aquilo em que ou através de que o instinto¹ pode alcançar a sua finalidade.

1 A respeito do termo instinto vide o segundo capítulo.

Todavia, se bem que o conceito de objeto tenha sido tomado por Freud, a contribuição desenvolvida pela assim chamada Escola Inglesa de Psicanálise, especialmente através de Melanie Klein e Fairbairn trouxe um aprofundamento considerável do tema em questão. Ocupando-se das primitivas relações objetais, seus trabalhos e o de colaboradores nos fornecem uma série de dados que pareciam inviáveis e que tornaram operatória a prática psicanalítica.

Por outro lado, observamos que na obra de Melanie Klein o conceito de objeto é em geral apresentado como plenamente sabido e tem nos faltado uma atividade de elucidação mais pormenorizada. É evidente que o escopo dessa dissertação não pode ter a pretensão de esgotar um tema que já vem sendo tratado pelo conhecimento humano desde a antiguidade na área da Metafísica, Teoria do Conhecimento, Ética, etc. Mas esse fato não impede que ela possa contribuir para chamar a atenção do seu interesse, retirando do esquecimento os fundamentos dos conceitos com que habitualmente trabalhamos de forma apressada.

A dificuldade citada no parágrafo acima contribui para que os psicanalistas kleinianos passem pela multiplicidade do conceito de objeto e o utilizem na abordagem dos fenômenos da transferência procurando, sobretudo, elucidar a relação, mas tomando como claro o conceito de objeto, quando, na verdade, ele resulta de toda uma problemática metafísica, epistemológica e mesmo científica até hoje não resolvida. Ficamos limitados à utilização por Melanie Klein desse conceito apenas em relação às obras de Freud e Abraham, mas o que não é elucidado é a estrutura subjacente de conhecimento do conceito em questão.

Portanto, o objetivo do trabalho a ser desenvolvido é o de fazer uma avaliação do conceito de objeto na contribuição teórica de Melanie Klein, verificando a importância do mesmo no sentido de ter ou não acionado o desenvol

vimento desta concepção, a sua consistência e a relação que possa ter com outros conceitos ou hipóteses fundamentais. Ou seja, faremos um estudo da evolução do conceito articulando-o com outras linhas de entendimento do mesmo, para melhor mostrar-lhe a relevância.

Já que para os kleinianos o objeto tem uma importância decisiva na estruturação do ego e do superego, isto é, no desenvolvimento da personalidade (bem como trouxe conseqüências para a psicopatologia e a prática clínica, o que até certo ponto escapa à essa dissertação, uma vez que exigiria uma outra linha de investigação), seu estudo vem a ser imprescindível para o entendimento da dinâmica do processo psicanalítico tal como Melanie Klein e seguidores o vêm. Acreditamos que uma melhor elucidação da conceituação teórica permite uma prática mais adequada, voltada para o seu objeto.

Em outros termos, uma clínica que seja praticada sem uma elaboração teórica conduz à utilização de fragmentos da obra do autor e da aplicação maquinal desses fragmentos, sem captar o todo do seu movimento ao descobrir, através da prática, as diversas facetas da experiência. Uma tal postura violenta tanto a obra do autor quanto a atuação clínica, de vez que exige dela que se aperte dentro dos moldes pinçados esparsamente do todo do conhecimento. Assim, diríamos que este trabalho também tem por finalidade incentivar o estudo mais minucioso da obra de Melanie Klein para que ela esteja sempre banhando a prática clínica e que esta esteja sempre redescobrimo e renovando a obra teórica.

Estudaremos, no primeiro capítulo, as circunstâncias biográficas do contexto em que se desenvolveu a obra de Melanie Klein, dividida que foi em três fases distintas, por Hanna Segal, em seu livro, “Introdução à Obra de Melanie Klein” (48), as quais demonstram a trilha percorrida pela autora a partir de suas descobertas.

O segundo capítulo será dedicado à tarefa de tentar compreender, no

desenvolvimento das obras de Freud, Abraham e Fairbairn, como surgem os conceitos de objeto e de relações objetais e tentar investigar a possibilidade de sintonização dessa linha de investigação com uma outra, de um universo conceitual um pouco diferente, que é a de Sullivan.

A seguir, no terceiro capítulo, passaremos ao estudo sistemático, em ordem cronológica, respeitando a sucessão histórica de sua emergência, dos conceitos de objeto e de relações objetais no conjunto de obras de Melanie Klein.

Através desse esforço acreditamos que a questão da conceituação do objeto na contribuição teórica de Melanie Klein poderá, no quarto capítulo, ser tratada de forma mais aprofundada, se bem que provisoriamente - como cabe a todo conhecimento que pretenda ser científico - apontando-se algumas conclusões.

1 - VIDA E OBRA DE MELANIE KLEIN

Este capítulo tem por objetivo situar Melanie Klein no contexto psicanalítico. Para tal passaremos à descrição do resumo de sua biografia a qual acreditamos ser útil para que possamos compreender como foi o seu desenvolvimento teórico e técnico, ou seja, que pressões e influências sofreu, com que outros estudiosos manteve contato, que linhas de pensamento lhe influenciaram, etc.

Em seguida, apresentaremos um resumo de sua obra que, como já citamos na introdução, foi dividida por Hanna Segal(48) em três fases distintas: na primeira estabeleceu as bases da análise de crianças; na segunda o conceito de posição depressiva e os mecanismos de defesa maníaca, ocupando-se, na terceira, da posição esquizo-paranóide.

1.1 - Resumo Biográfico de Melanie Klein²

Melanie Klein nasceu na Áustria, em Viena, aos 30 de março de 1882. Seu pai, pertencente a uma família judia ortodoxa fora preparado para ser rabino, porém aos 37 anos se rebelou contra essa decisão familiar, decidindo-se pela Medicina. Para tal recebeu o apoio de sua esposa, que para ajudar a família abriu uma pequena loja iniciando uma atividade comercial. Foi a caçula de quatro filhos, tendo nascido quando seu pai já contava mais de cinquenta anos. Era mais ligada à mãe em quem admirava a beleza, o intelecto e o grande desejo de saber. Contudo referia-se a seu pai como um indivíduo independente e de atitude científica, o que muito a impressionava.

Aos cinco anos aprendeu a ler e a escrever para agradar sua irmã Sidonie, que gravemente enferma veio a morrer aos nove anos de idade. A influên

² Vide 2, 3, 10, 11, 49, 51 e 52.

cia de seu irmão Emanuel, cinco anos mais velho do que ela, foi muito marcante em sua infância. Contrariando as previsões médicas, pois nascera cardíaco, sobreviveu até os vinte e cinco anos, tendo-se tornado uma personalidade muito bem dotada do ponto de vista artístico, literário e musical, levando Melanie Klein a desenvolver um acentuado gosto pela Literatura e pela Música. Com sua ajuda, aos quatorze anos ela foi aprovada no exame de admissão do Ginásio de Viena, única escola que na época preparava mulheres para o ingresso na Universidade. Decidiu-se pela Medicina, profissão de seu pai. Todavia, imediatamente após o seu ingresso na Universidade de Viena, aos de zessete anos, ficou noiva, casando-se aos vinte e um anos, o que a obrigou a alterar seus planos, quando então passou a seguir os cursos de Estética e História na mesma Universidade.

Seu marido, Arthur Klein, era químico industrial, e por conta de sua profissão a família era obrigada a fazer constantes viagens. Alguns anos an tes da Primeira Grande Guerra de 1914/1918 já com três filhos - Mellita, Hans e Eric - estabeleceram-se em Budapeste. Nesta cidade, pela primeira vez Melanie Klein tomou contato com um livro de Freud, mostrando-se muito interessada por outras obras desse autor. A esse contato seguiu-se uma breve análise pessoal e um treinamento com Sandor Ferencsi, que em 1909 formula o conceito de introjeção, e em 1913 fundou a Sociedade Psicanalítica da Hungria. Percebendo suas aptidões ele a encorajou a dedicar-se à análise de crianças e em 1918 participou como convidada do Congresso Internacional de Psicanálise em Budapeste.

Em julho de 1919 Melanie Klein leu seu primeiro trabalho ("O Desenvolvimento de uma Criança") na Sociedade Psicanalítica da Hungria, da qual, no final do mesmo ano foi aceita como membro.

Uma nova viagem fêz com que a família fosse residir de 1919 a dezembro de 1920 na Tchecoslováquia, na pequena cidade de Ruzomberock, nos montes

Tatra. Durante o Congresso Internacional de Psicanálise na cidade de Haia, no ano de 1920, Karl Abraham, presidente da Sociedade Psicanalítica da Alemanha, que ele próprio havia fundado em 1908, convida Melanie Klein para se fixar em Berlim. Em janeiro de 1920 ela parte para essa cidade com seus filhos, enquanto seu marido ia para a Suécia. Divorciaram-se logo em seguida, e já na Alemanha Melanie Klein dedicou-se inteiramente à prática e à pesquisa analítica desenvolvendo sua técnica de análise infantil e tendo escrito vários trabalhos.

No início de 1924 começou uma análise pessoal com Karl Abraham que se estendeu por um ano e meio aproximadamente, ou seja, até meados de 1925. A interrupção deveu-se à grave doença de que veio ele a falecer no Natal do mesmo ano. Sua admiração por Karl Abraham, seu analista e mestre, e o reconhecimento do que recebeu dele se conservam e são postos em destaque até os últimos anos de sua vida em uma expressão de profunda gratidão.

Tomando conhecimento dos trabalhos que Melanie Klein vinha desenvolvendo pacientemente a respeito da técnica da análise infantil, e percebendo os pontos comuns entre as inovações desta autora e suas próprias formulações, Ernest Jones, presidente da Sociedade Psicanalítica Britânica, da qual foi também o fundador no ano de 1913, convidou-a, em 1925, para fazer um ciclo de conferências na sua Sociedade. Em 1926, após a morte de Karl Abraham, aceitou o convite de Ernest Jones para radicar-se em Londres, instalando-se definitivamente na Inglaterra, onde trabalhou até o fim de sua vida.

Com o apoio de Ernest Jones, o interesse de veteranos analistas (Sylvia Payne, Edward Glover e James Strachey), a colaboração de Susan Isaacs, Joan Rivière, Paula Heimann e Roger Money-Kyrle que criticavam suas idéias e a adesão de discípulos tais como W. R. Bion, Elliot Jacques, Donald Meltzer e outros, a liderança e o talento de Melanie Klein se projetaram cada vez mais, a ponto de seu grupo ter dado características ao movimento psica-

nalítico de Londres, que conforme citamos na introdução, ficou conhecido com o nome de Escola Inglesa de Psicanálise.

Mas não deixou de haver, entretanto, forte oposição e crítica a Melanie Klein e seus conceitos. Quando Anna Freud que representava a segunda geração da Escola Vienense de Psicanálise chegou a Londres, em 1939, encontrou um desenvolvimento da psicanálise que divergia em muitos aspectos do trabalho desenvolvido em Viena. O conflito entre as duas escolas cresceu na Sociedade Britânica de Psicanálise, levando a calorosas controvérsias e chegando quase à cisão, uma vez que o grupo liderado por Anna Freud que se dedicava à análise infantil com outra orientação, pretendeu demonstrar que as idéias de Melanie Klein eram incompatíveis com as de Sigmund Freud.

Em meados da década de 1950 a obra de Melanie Klein foi recebida com grande entusiasmo em alguns países da América do Sul. Com a chegada de psicanalistas analisados pela escola kleiniana, desenvolveu-se no Brasil um movimento muito sólido, destacando-se, entre outros, Décio de Souza, Moreira Lira e Henrique Mendes. Na Argentina pode-se citar Leon Grimberg e Emilio Rodrigué.

Apesar de sua vida ter sido marcada por algumas tragédias tais como a morte de seu filho mais velho, Hans, aos vinte e sete anos num acidente de alpinismo; o rompimento com sua filha Mellita, também psicanalista, e que posteriormente se tornou opositora da mãe, radicando-se nos Estados Unidos, Melanie Klein encontrou muitas satisfações na companhia de seus alunos, amigos e netos, filhos de Eric, seu filho caçula, que se casou na Inglaterra e a quem ela se dedicou muito.

Morreu aos 22 de setembro de 1960, em Londres, aos setenta e oito anos, após uma curta doença.

1.2 - Resumo da Obra de Melanie Klein

De uma certa forma Melanie Klein é considerada como uma continuadora de Freud, embora entre ambos existam numerosos pontos de divergência. Se por um lado suas observações confirmam as descobertas de Freud sobre a sexualidade infantil, por outro deram origem a fenômenos desconhecidos.

Tendo criado a técnica da análise através do brinquedo, ficou conhecida como a pioneira da análise infantil. Já citamos na introdução que sua obra se reflete tanto no desenvolvimento da personalidade quanto na psicopatologia e na prática clínica.

Escreveu aproximadamente cinquenta trabalhos entre 1919 e 1960, havendo traduções em várias línguas, entre as quais a portuguesa, que foram divididos, por Hanna Segal(48) em três fases distintas.

A primeira delas tem início com "O Desenvolvimento de uma Criança" (1921) e se estendeu até 1932 quando apareceu seu primeiro livro, "Psicanálise da Criança", com dois ciclos de conferências realizadas na Sociedade Britânica de Psicanálise em 1925 e 1927, e do qual fazem parte, entre outros, "Fundamentos Psicológicos da Análise Infantil", "A Técnica da Análise da Criança Pequena", "Primeiros Estádios do Conflito Edípico e da Formação do Superego" e "O Significado das Primeiras Situações de Angústia no Desenvolvimento do Ego". Destacam-se como também fazendo parte desta fase, "Princípios Psicológicos da Análise Infantil" (1926), "Simpósio Sobre a Análise Infantil" (1927), "Primeiras Fases do Complexo de Édipo" (1928), "A Personificação nos Jogos das Crianças" (1929), "A Importância da Formação de Símbolos no Desenvolvimento do Ego" (1930) etc. Durante esse período Melanie Klein estabeleceu os fundamentos da análise de crianças e delineou os conceitos de complexo de Édipo e de superego até as raízes primitivas de seu desenvolvimento.

A segunda fase inicia-se em 1933 e nela tem especial importância seu trabalho clássico “Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos”, o qual surgiu em 1934. Conduziu à formação do conceito de posição depressiva e dos mecanismos de defesa maníaca. Incluímos também nela “Sobre a Criminalidade” (1934), “Amor, Culpa e Reparação”³ (1937), “O Luto e sua Relação com os Estados Maníaco-Depressivos” (1940), “O Complexo de Édipo à Luz das Primeiras Ansiedades” (1945), etc.

A terceira fase ocupa-se do estágio mais primitivo do desenvolvimento ao qual Melanie Klein deu o nome de posição esquizo-paranóide. Esta foi formulada principalmente em seu artigo de 1946 “Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides”, além de ter sido, evidentemente, retomada em outros trabalhos. “Sobre a Teoria da Ansiedade e Culpa” (1948), “Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê” (1952), “Sobre a Identificação” e “A Técnica Psicanalítica através do Brinquedo: sua História e Significado” (ambos de 1955), “Sobre el Desarrollo del Funcionamiento Mental” (trabalho apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise, em Paris, 1957 e que só aparece na edição argentina do livro “Las Emociones Básicas del Hombre”) e “Nosso Mundo Adulto e suas Raízes na Infância” (1959) não poderiam deixar de ser citados.

Quanto a seus livros, já nos referimos acima ao primeiro, “Psicanálise da Criança”, de 1932. Posteriormente foram também publicados “Contribuições à Psicanálise” em 1948 contendo seus principais trabalhos de 1921 a 1945; “Inveja e Gratidão” em 1957, onde fez um estudo dos sentimentos de inveja e gratidão que são fundamentais e operam muito precocemente, enriquecendo e até certo ponto modificando o conceito de posição; “Narrativa da Análise de uma Criança” em 1921, relato de noventa e três sessões

³ Trata-se de um livro, “Amor, Ódio e Reparação”, cuja primeira parte foi escrita por Joan Rivière. Em seu artigo Melanie Klein estudou a culpa e a reparação.

de análise de um menino de dez anos tratado em 1941 na Inglaterra, e finalmente "O Sentimento de Solidão" em 1963, seu último livro.

Paralelamente às publicações de Melanie Klein, seus críticos e discípulos também se fizeram presentes com algumas contribuições extremamente valiosas. Gostaríamos de mencionar especialmente dois livros: "Os Progressos da Psicanálise" (RIVIÈRE, J., org., 1952), a melhor e a mais completa síntese de seu pensamento e "Novas Tendências na Psicanálise" (KLEIN, M. et al., org., 1955).⁴

⁴ Ambos os livros contém trabalhos da própria Melanie Klein.

2 - OBJETO E RELAÇÕES OBJETAIS NA TEORIA PSICANALÍTICA

O objetivo desse capítulo é o de verificar de que modo os objetos e as relações objetais se constituem no desenvolvimento da personalidade, especialmente em suas fases mais precoces, nas obras de Freud, Abraham e Fairbairn.

Além disso tentaremos uma sintonização dessa linha de investigação com uma outra, um tanto quanto diferente, que é a de Sullivan.

Queremos ressaltar que a revisão dos referidos autores se fará necessariamente esquemática, já que esta dissertação visa focalizar, em particular, a concepção do conceito de objeto na contribuição teórica de Melanie Klein.

2.1 - Sigmund Freud

São de duas classes as estimulações que atingem o sistema nervoso: as externas que podem ser eliminadas pela fuga motora diante da qual emanam e as internas, que por sua vez exercem uma pressão constante a exigir atividades capazes de modificar o mundo externo no sentido de encontrar objetos apropriados à satisfação das necessidades, já que a fuga motora contra elas torna-se ineficaz. Estas últimas são indispensáveis à evolução do Sistema nervoso na medida em que dão origem ao aumento de tensão que deve ser mantido no nível mais baixo possível.

Assim, procedendo de estados de necessidade somática, as estimulações internas impõem ao sistema nervoso forças que na teoria freudiana têm sido referidas pelo conceito de "instinto". Ao adotarmos esse termo faz-se necessário ressaltar que em suas descrições dos estímulos internos Freud utilizou o termo "Trieb". Este foi traduzido para o inglês, na Standard Edi-

tion de suas Obras Completas por "instinct", o que tem sido contestado, tanto que a crítica feita por Lacan a essa maneira de se traduzir "Trieb" conduziu, na literatura psicanalítica francesa, ao uso da tradução mais corrente atualmente de "pulsion", correspondendo "instinct" a "instinkt" que Freud entende como um esquema de comportamento fixado por hereditariedade, próprio de uma espécie animal, variando muito pouco de um indivíduo para outro, e que corresponde a uma finalidade. Em português, bem como em espanhol, manteve-se a tradução contestável de "instinto", que dada a sua divulgação será utilizada nessa dissertação, tendo-se sempre em conta que estará se referindo ao termo alemão "Trieb".

Fruto de malentendidos e confusões na bibliografia psicanalítica, o conceito de instinto, apesar de ambíguo, foi mantido por Freud como hipótese de trabalho, referindo-se a ele ora como equivalente a estímulos endógenos que se originam numa tensão de necessidade que pode ser suprimida pela satisfação (a qual, por sua vez é alcançada unicamente por uma transformação adequada da fonte de estímulo interno), dos quais o organismo não pode fugir, necessitando realizar uma ação específica no mundo exterior para que eles cessem, ora no sentido de um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, uma espécie de representante psíquico dos estímulos que se originam no organismo e chegam a alcançar a mente. Curiosamente ambas as idéias se encontram lado a lado em "Los Instintos y Sus Destinos" (8).

Em seus "Tres Ensayos para una Teoría Sexual" (1905) (5), Freud tinha considerado os instintos sexuais orientados para objetos sexuais, além de dirigidos para a conservação da própria espécie.

Entretanto, em 1915 (8) chegou a uma concepção mais ampla e precisa do objeto no entendimento psicanalítico, quando, ao considerar o termo instinto na acepção de estímulo endógeno, a ele referiu alguns elementos:

1) Impulso ou pressão (Drang) vem a ser o fator motor do instinto, a quanti

dade de exigência de trabalho que deriva da tensão instintiva.

2) Alvo, fim ou finalidade (Ziel) é sempre a satisfação que só poderá vir a ser alcançada pela supressão do estado de estimulação da fonte do instinto.

3) Objeto (Objekt) é aquilo em que ou através de que o instinto pode alcançar a sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto, estando somente subordinado a ele em conseqüência de sua adequação à possibilidade de satisfação. Não é necessariamente algo estranho ao sujeito, podendo também ser uma parte qualquer de seu próprio corpo. É suscetível de ser substituído por outro no curso do desenvolvimento. Pode acontecer que o mesmo objeto sirva ao mesmo tempo para a satisfação de muitos instintos. Um liame muito íntimo do instinto ao objeto suscita uma fixação, e isto ocorre freqüentemente em períodos precoces do desenvolvimento dos instintos e põe fim à sua mutabilidade.

4) Fonte (Quelle) de um instinto é o processo somático que se desenvolve em um órgão ou parte do corpo e é representado psiquicamente. Ou seja, é um estado de tensão de necessidade fisiológica que desencadeia um aumento do nível de tensão.

De acordo com as distinções que Freud estabeleceu sobre os instintos, vamos encontrar ao longo de sua obra, três fases distintas de classificação para os mesmos.

No período aproximado de 1894 a 1911 Freud se apoiou na biologia ao aceitar a distinção entre instintos do ego (ligados à conservação e preservação do indivíduo) e instintos sexuais (ligados à conservação da espécie). À energia dos instintos sexuais denominou "libido".

No ano de 1911, nas "Observaciones Psicoanalíticas sobre un Caso de Paranoia ('Dementia Paranoides') Autobiograficamente Descrito"(6) Freud demonstrou a relação entre essa doença e a homossexualidade, o que o fez postular a existência em sua "Introducción al Narcisismo" (1914)(7) da

assim chamada fase narcisista do instinto sexual. Com isto, a distinção entre instintos sexuais e instintos do ego deixou de fazer sentido, na medida em que não é verdade que existam instintos sexuais que procurem objetos de satisfação sexual e instintos do ego que satisfaçam as necessidades ligadas à preservação do indivíduo. Haverá, pois, um só instinto, a libido, que poderá estar orientada tanto para o ego quanto para os objetos externos. Respectivamente, libido do ego ou narcísica e libido objetal.

Em 1920, "Más allá del Principio del Plazer"(9) trouxe uma mudança radical na classificação dos instintos. A partir de observações clínicas a respeito da compulsão à repetição de experiências não prazerosas, Freud optou pela divisão dos instintos em dois grandes grupos: os sexuais que querem acumular cada vez mais substâncias vivas (instinto de vida) e os que se opõem a essa tendência tentando recuperar o estado anorgânico perdido (instinto de morte). A aceitação desse último tem sido até os dias atuais objeto de controvérsia entre os psicanalistas.

Ao estudar o desenvolvimento da libido, Freud seguiu, a saber, dois caminhos. O primeiro está centralizado numa modalidade específica de atividade sexual que depende de uma determinada zona erógena. No segundo, o objeto desempenha o papel de organizador. Ou seja, o desenvolvimento do instinto sexual pode ser encarado quanto às fases de organização e quanto às relações objetais.

As observações da vida sexual infantil levaram Freud(5) a encará-la como um conjunto desorganizado de atividades sexuais independentes umas das outras, cujo fim é a busca de prazer auto-erótico.

Com o advento da puberdade surgem transformações que vão levar a vida sexual infantil para a sua definitiva constituição normal. Veremos o aparecimento de uma organização sob o domínio da zona genital e a serviço da reprodução.

Assim, de carentes de objeto, os instintos na fase genital se organizariam e seriam dirigidos para outra pessoa tomada como objeto sexual.

Através dos estudos psicanalíticos das inibições e perturbações que surgem neste período, Freud(5) introduziu a noção de organizações pré-genitais da libido (organizações que precedem a primazia da zona genital), a qual passou a ser concebida como buscando um objeto, já mesmo na infância, o que veio a diferir da concepção anterior de que a sexualidade infantil era auto-erótica e desprovida de objeto.

Uma vez que a atividade sexual se encontra a princípio ligada às funções que atendem à finalidade de auto-conservação, de acordo com a função vital predominante, surgiriam as fases designadas pelas zonas erógenas, parte da pele ou da membrana mucosa em que os estímulos de determinada espécie evocam uma sensação de prazer possuidora de uma qualidade particular. Essas últimas, associadas às necessidades orgânicas são estimuladas prazerosamente durante a gratificação dessas necessidades.

São, pois, em número de cinco as fases por que passa a libido em seu desenvolvimento:

- 1) Fase anárquica - onde os instintos parciais, independentes uns dos outros, buscam a gratificação em diversas partes do corpo.
- 2) Fase oral - em que, de acordo como é alimentada a criança pequena, vemos o fator oral aí dominar, o que é considerado como atividade sexual desse período de vida. O objeto é o mesmo da alimentação e a finalidade é a sua incorporação.
- 3) Fase sádico-anal - cuja satisfação libidinal encontra-se relacionada com o desenvolvimento da musculatura anal, aquisição e domínio sobre os esfínteres, que se dão na eliminação e excreção.
- 4) Fase fálica - na qual tem especial importância para ambos os sexos o membro masculino e o que a ele equivale nas meninas, o que tornou possível a

constituição daquilo a que Freud veio designar como complexo de Édipo, em comparação com a tragédia grega de Édipo. Ou seja, a presença na criança de fantasias genitais inconscientes dirigidas para o genitor do sexo oposto com concomitantes fantasias hostis voltadas para o genitor do mesmo sexo.

5) Fase genital - que tem vários instintos integrados sob a primazia da zona genital e a serviço da reprodução.

Ao introduzir o conceito de narcisismo em 1914(7), como um componente normal do desenvolvimento sexual, Freud reconheceu que a criança toma um objeto sexual ainda na infância pois a vida sexual infantil começa com o auto-erotismo e o narcisismo. Nestas fases a libido infantil está voltada para o próprio corpo da criança que não conhece nem deseja outro objeto libidinal que não seja ela própria. Posteriormente será dirigida para outras pessoas. Podemos, portanto, dizer que são em número de três as fases do desenvolvimento da libido quanto às relações objetais:

- 1) Auto-erotismo - onde o instinto obtém prazer no próprio corpo já que ainda não foi dirigido para outras pessoas.
- 2) Narcisismo - em que os instintos até então auto-eróticos se unificam para a busca de um objeto de amor que, como afirmamos acima, vem a ser inicialmente o próprio ego.
- 3) Alo-erotismo - na qual destacamos a presença de um objeto de amor cuja escolha se faz em duas etapas, a homossexual (escolha narcísica de objeto) e a heterossexual (o objeto escolhido é do sexo oposto e sobre ele convergem todos os instintos).

2.2 - Karl Abraham

Tendo morrido prematuramente, Abraham, um dos primeiros e mais ilustres discípulos de Freud, com quem, a partir da dissidência deste último

com Jung, manteve um período de relação das mais amistosas até a sua morte, não deixou um grande número de obras impressas. Seus trabalhos mais originais - suas investigações sobre o estágio pré-genital do desenvolvimento com seus dois livros sobre evolução da libido e formação do caráter - constituem uma contribuição valiosa e permanente ao nosso conhecimento.

Baseado em um vasto material psicopatológico, no ano de 1924, em seu “Breve Estudo do Desenvolvimento da Libido à Luz das Perturbações Mentais”(1), Abraham dividiu os três principais estágios do desenvolvimento libidinal - oral, sádico-anal e genital - em seis outros: oral primário, oral posterior, sádico-anal primário, sádico-anal posterior, genital inicial e genital final.⁵ Nenhuma dessas subdivisões era inteiramente original, pois, como discípulo de Freud, a interinfluência entre ambos se fez marcante. Todavia teve o mérito de se deter em cada uma dessas fases de maneira pormenorizada, mostrando a relação precisa de uma com a outra. Vejamos as suas principais idéias.

Referindo-se à fase oral da libido, a partir de seu trabalho clínico, Abraham(1) se viu obrigado a admitir uma diferenciação dentro da mesma. Em seu nível primário, a fase oral primária, a libido da criança está ligada ao ato de sugar que vem a ser a incorporação. Entretanto, como a criança ainda não é capaz de distinguir entre seu próprio eu e o objeto externo, como ainda não ocorre uma diferenciação entre criança que mama e seio que amamenta, bem como inexistem sentimentos de ódio e de amor, ego e objeto são conceitos incompatíveis com este nível de desenvolvimento. Isto significa que, de começo, a libido da criança carece ainda da constituição mais

5 De acordo com seu esquema, Abraham(1) formulou a hipótese de que os estados psicopatológicos clássicos podiam ser atribuídos a fixações da libido pelas fases de desenvolvimento: o estado esquizóide à fase oral primária, o maníaco-depressivo à oral posterior, o paranóico à sádico-anal primária, o obsessivo à sádico-anal posterior e o histérico à genital inicial. Apesar de reconhecermos a importância dessas considerações, não as desenvolveremos, já que fogem ao escopo dessa dissertação.

precisa de um objeto, sendo portanto auto-erótica, encontrando-se, o pequeno ser neste estágio, livre de toda e qualquer manifestação de ambivalência.

Na fase oral posterior, nível secundário da fase oral, a criança troca sua atividade de sugar pela de morder, incorporando a totalidade do objeto em si própria. Tudo o que ela leva em conta é seu próprio desejo de prazer, não prestando atenção aos interesses de seu objeto, chegando mesmo a destruí-lo sem a menor hesitação, o que levou Abraham(1) a caracterizar essa fase como sendo tomada por um canibalismo completo, o qual, por sua vez, só é possível na base do narcisismo irrestrito. Além disso, dizia ele que nesse estágio já se percebe o início do desenvolvimento de uma atitude ambivalente do ego para com seu objeto.

Quanto à fase sádico-anal da libido, a qual anteriormente se havia imaginado ser homogênea, Abraham(1) também presumiu a existência de dois diferentes níveis. Partindo de dados empíricos da psicanálise percebeu que os impulsos sádicos apresentam uma afinidade especial precisamente com o erotismo anal, o qual contém duas tendências de prazer opostas (expelir e reter) e que também duas tendências opostas (destruir e controlar) existem si milarmente no campo dos impulsos sádicos. Concluiu que as tendências que visam à destruição e expulsão do objeto são, ontogeneticamente, as mais antigas e que, como a ambivalência de sentimentos aqui ainda existe em plena força, a criança expressa sua atitude positiva para com o objeto sob a forma de retenção de sua propriedade, e sua atitude negativa sob a forma de re jeitá-la.

Assim sendo, na fase sádico-anal primitiva as tendências hostis em relação ao objeto vêm para o primeiro plano e, segundo Abraham(1), neste es tágio o indivíduo está longe de reconhecer a existência de outro indivíduo como tal e amá-lo em sua totalidade, quer de forma física ou mental. Ou seja, essa fase é regida por um impulso de incorporação parcial do objeto (ca

nibalismo parcial) onde a criança dirige seus esforços para uma parte do corpo do seu objeto e a incorporação dela (amor parcial com incorporação).

No nível posterior, a fase sádico-anal posterior, predominam as tendências conservadoras de controlar e reter o objeto. O indivíduo já mostra os primeiros sinais de ter algum cuidado com este último, que por incompleto que seja, pode ser encarado como os primórdios do objeto de amor no sentido mais estrito, o que é possível, já que o narcisismo vai sendo gradativamente dominado. Como a libido ainda se encontra aderida a uma parte do objeto, persiste o amor parcial. Porém a tendência a incorporar essa parte foi abandonada. Em vez disso deseja dominá-la e possuí-la. Tal modificação torna possível a propriedade conjunta do objeto, enquanto que antes o método de devorá-la podia garantí-la apenas para um único sujeito.

A fase genital da libido é também composta por dois estágios. Na fase genital inicial o indivíduo ainda não domina a atitude ambivalente, e neste nível, Abraham(1) propõe a existência de um estágio de amor objetal com exclusão dos órgãos genitais (tudo o mais no objeto pode ser amado com exceção de seus órgãos genitais). A rejeição da zona genital aplica-se ao próprio corpo do indivíduo assim como à de seu objeto.

Finalmente, na fase genital final a ambivalência desaparece e a libido do indivíduo atinge capacidade plena, tanto do ponto de vista sexual quanto do social, quando então foi dado o último grande passo em seu desenvolvimento, a saber, o verdadeiro amor objetal.

2.3 - W. Ronald D. Fairbairn

Juntamente com Melanie Klein, Fairbairn faz parte da chamada Escola Inglesa de Psicanálise. Entretanto, sua situação é bastante peculiar. Não vivia em Londres, mas na Escócia, de maneira que se encontrou poucas vezes

com seus colegas mais próximos. Se por um lado pôde se concentrar com afinco em suas idéias, a medida que estas iam surgindo a partir de seu trabalho diário, por outro, teve que passar sem a valiosa contribuição de colaboradores.

Seus dados clínicos levaram-no a uma reformulação de certos conceitos psicanalíticos, a saber, a teoria da libido e a teoria do desenvolvimento do ego, conduzindo às seguintes formulações:

- 1) A libido busca essencialmente um objeto.
- 2) As zonas erógenas são apenas canais mediadores dos fins primários de busca do objeto do ego.
- 3) A teoria do desenvolvimento do ego deve ser concebida em termos de relações com objetos, sobretudo com aqueles que foram internalizados, durante a precoce vida infantil, decorrentes de estados de privação e frustração.

Assim, é a partir do enfoque nas relações objetais e no ego como estrutura original, fonte de tensão impulsiva, que se desenvolveu a sua obra.

Fairbairn(4) considera que o desenvolvimento das relações objetais quanto ao tipo de dependência do objeto compreende três etapas: dependência infantil, transição e dependência madura.

A etapa de dependência infantil corresponde às fases oral primária e posterior de Abraham. Para Fairbairn(4) seu traço mais característico vem a ser uma identificação absoluta, já que a criança depende completamente de seu objeto, tanto para assegurar sua existência e bem-estar físico, quanto para a satisfação de suas necessidades psicológicas. Além disso, a dependência infantil também se caracteriza por uma atitude de incorporação oral, o que faz com que o objeto com o qual está identificada a criança seja um objeto incorporado.

Enquanto que no indivíduo adulto a relação de objeto tem uma amplitude considerável, na criança tende a ser concentrada sobre um só objeto.

Na fase oral primária, primeiro nível da dependência infantil, esse objeto é o seio, e a atitude libidínica de sugar monopoliza a situação. Ou seja, a primeira necessidade oral de incorporar é essencialmente uma necessidade libidínica na qual não intervem ainda a agressão. Fairbairn(4) considera essa fase como pré-ambivalente.

O objeto da fase oral secundária, segundo nível da dependência infantil, é a mãe⁶ e nela encontramos o aparecimento da tendência a morder. Isto significa que tanto a agressão direta quanto a libido podem ser dirigidas para o objeto dando origem à ambivalência.

A etapa de transição que corresponde às fases anais e à fase genital inicial de Abraham, se caracteriza pelo abandono progressivo de uma relação de objeto baseada na identificação, em prol de uma outra baseada na diferenciação. Como assinala Fairbairn(4), nesse estágio a ambivalência da fase precedente dá lugar a uma atitude baseada na dicotomia do objeto, o que quer dizer que o objeto primário, para o qual se dirigem o amor e o ódio, é substituído por dois outros: o objeto aceito, para o qual se orienta o amor, e o objeto recusado, para o qual se orienta o ódio. Ambos objetos são tratados como internalizados, sendo que este último é de especial importância no que diz respeito ao abandono da dependência infantil.

Como para Fairbairn(4) o objeto com o qual o indivíduo está identificado é um objeto incorporado, o processo de diferenciação também vem a ser um processo de expulsar conteúdos. Durante esse período a conduta da criança se caracteriza pelo conflito entre as tentativas de se separar de seu objeto e de permanecer unida a ele e entre as necessidades de expulsar e reter conteúdos. As angústias que acompanham a separação e a expulsão se manifestam como um temor ao isolamento e um temor de ser esvaziado, respectivamente.

⁶ Neste estágio Fairbairn(4) considera que o objeto continua sendo tratado como parcial (seio), sendo que a mãe se transforma em um objeto de incorporação.

mente, ao passo que aquelas que advêm da identificação e da retenção são vivenciadas também, respectivamente, como um temor de ser aprisionado e um temor de explodir.

Finalmente, a etapa de dependência madura, que por sua vez corresponde à fase genital final de Abraham, é aquela na qual a relação é com um objeto diferenciado. Ou seja, a dependência madura implica uma relação entre dois indivíduos independentes e completamente diferenciados como objetos mútuos. Segundo Fairbairn(4) a relação compreendida na dependência madura só é possível teoricamente, já que as relações objetais das etapas anteriores nunca são perfeitas. Porém, quanto mais madura é uma relação, menos caracterizada será pela identificação, a qual representa um fracasso na diferenciação do objeto.

2.4 - Harry Stuck Sullivan

Tendo entrado no campo da psiquiatria por volta de 1920, Sullivan é o criador de um novo ponto de vista conhecido como teoria interpessoal da psiquiatria, segundo o qual o homem nasce animal, e através da interação com seus semelhantes é que se converte em pessoa. Acreditava que a única maneira de se estudar a personalidade, concebida como um sistema de energia cujo principal trabalho consiste em atividades visando a redução das tensões, é em termos de suas relações com outras pessoas e que não é possível observar uma pessoa em completo isolamento, o que faz com que o homem não possa prescindir do seu meio tanto físico-químico quanto sócio-cultural. Assim, a sobrevivência fisiológica e psicológica do ser humano implica, desde o nascimento, uma interação e equilíbrio constante com o meio.

Referindo-se às tensões que atingem o organismo, Sullivan(50) distinguiu as tensões de necessidades, as quais se referem às necessidades físico

-químicas do organismo tais como fome, frio, sede, etc. e são resolvidas quando o elemento físico ou químico que faltava é providenciado a partir da manifestação de alguma atividade por parte da criança (choro, por exemplo), das tensões de ansiedade que dizem respeito às relações interpessoais, sendo induzidas no bebê pela mãe decorrentes da empatia e da desaprovação. As primeiras buscam a satisfação enquanto que as últimas buscam a segurança. Senão, vejamos.

Como ao nascer a criatura humana não está suficientemente desenvolvida por si só para manter o equilíbrio necessário à sua sobrevivência biológica, torna-se imprescindível a colaboração de uma outra pessoa que na terminologia sullivaniana vem a ser designada como "outro significativo", em geral a mãe ou uma sua substituta, que é a pessoa de maior influência no mundo infantil, já que será capaz de por fim às necessidades da criança.

Todavia, o "outro significativo" só pode vir a ser importante para a satisfação das necessidades, na medida em que seja capaz de transmitir segurança. À essa segurança interpessoal se opõem as tensões de ansiedade. Diferentemente de qualquer necessidade, a ansiedade não possui no campo interpessoal uma ação adequada que possibilite o seu alívio, e pode variar de um estado de tensão quase absoluto (terror) a um estado de quase ausência de tensão (euforia). Ambos são transmitidos através da empatia e se o vínculo empático criança-"outro significativo" for muito intenso, qualquer atitude que provoque a desaprovação da figura maternal diminuirá a euforia.

Só posteriormente é que se desenvolve o "sistema do eu", ou seja, um sistema da personalidade que tem como objetivo a satisfação das pessoas que importam à criança, a qual, com isso, se satisfaz a si própria poupando-se a experiência de ansiedade. Absolutamente necessário à vida humana, já que a ansiedade desorganiza a experiência, o sistema do eu também interfere na capacidade das pessoas viverem construtivamente umas com as outras, pois

exclui as informações que não se harmonizam com a sua atual organização. Assim, certas experiências não chegam a fazer parte da mente por causar ansiedade.

Na medida em que as necessidades da criança são satisfeitas através das relações interpessoais, ela passa a formar expectativas boas de tais relações, antecipando como boas as outras experiências interpessoais com a pessoa em questão. O contrário também é verdadeiro: se as experiências interpessoais são insatisfatórias, a criança antecipará como más as outras experiências interpessoais com a pessoa de que se trate. Também são formadas expectativas a respeito do que a criança imagina significar para as pessoas, de maneira que gradativamente ela começa a construir um imagem de si e do outro. Segundo Sullivan(50) são construídas personificações de si mesmo e da figura maternal.

Quando a necessidade e o sentimento de segurança são satisfeitos a criança constrói a personificação da "mãe-boa". Mas se por outro lado predominarem a insatisfação e a ansiedade, surge a personificação da "mãe-má", a qual pode dar lugar, caso a ansiedade seja muito intensa, à personificação da "mãe-péssima". Do mesmo modo, como citamos acima, começam a surgir personificações rudimentares de si mesmo. O "eu-bom", personificação que indica que o ser maternal está satisfeito com a criança; o "eu-mau" em que crescentes graus de ansiedade estão associados ao comportamento da figura maternal em relação a ela, e o "não-eu" que representa a tentativa da criança de alijar responsabilidade pelo que não agrada. Embora essas personificações estejam baseadas na relação real, vão ocorrer personificações inadequadas ou imaginárias, tanto do "outro" quanto do "eu".

Com o aparecimento da linguagem ocorre a fusão das personificações da "mãe-boa" e da "mãe-má". Se antes as necessidades eram satisfeitas ora por um ser que era sentido como bom, quando satisfazia, ou mau quando não

satisfazia, agora a mesma mãe vai ser vivida como boa e má.

Sullivan(50) postulou seis períodos no desenvolvimento da personalidade que correspondem temporalmente, mais ou menos, às fases de Freud, porém encarados do ponto de vista das relações interpessoais. São eles a infância, a meninice, a juventude, a pré-adolescência, a adolescência e a maturidade.

A essência de seu método terapêutico é levar o paciente a perceber o que é real e o que é produto de uma distorção em suas relações interpessoais, distorção essa oriunda das aprendizagens realizadas pelas crianças ao lidar com seus genitores ou com outros adultos significativos. Portanto, expandindo e utilizando suas potencialidades, o indivíduo vai cada vez menos pela vida fazendo apreciações errôneas sobre as pessoas, tanto quanto sobre si mesmo, julgando-as pelo gabarito de suas primeiras impressões humanas.

2.5 - Considerações Gerais

Passaremos a algumas considerações a partir da análise do que foi apresentado anteriormente.

Como vimos, Freud se referiu ao objeto mais precisamente como aquilo em que ou através de que o instinto pode alcançar a sua finalidade. Isto significa que o objeto é algo que já se encontra inerente à própria finalidade do instinto, algo que dele faz parte.

Na medida em que o objeto não é apresentado como aquilo que só se afirma pela sua realidade em si, mas também como aquilo que resulta das necessidades do sujeito na constituição de seu mundo, já que as fases do desenvolvimento psicosssexual determinam o tipo de objeto específico necessário à satisfação, percebemos que nisto Freud foi fiel ao entendimento kan-

tiano da relação sujeito-objeto.

Entretanto, nos damos conta de que este conceito é bem mais amplo do que possa parecer. Faz-se, pois, necessário distinguir:

- 1) os objetos reais do mundo externo.
- 2) as partes do próprio corpo utilizadas na função de objetos externos.
- 3) os objetos que são internalizados após a experiência e que vêm a ser uma representação de objetos externos.

Já que o termo objeto pode ser encontrado quer sozinho, quer em numerosas expressões, entre as quais nos interessa particularmente "relação de objeto", perguntamo-nos qual seria o significado desta última a qual implica em não se considerar o indivíduo isolado, mas numa interação com o meio que o rodeia.

Segundo Laplanche e Pontalis(46) ela determina a maneira de ser do indivíduo com o seu mundo e resulta de uma organização da personalidade, de uma apreensão um tanto quanto fantasmática dos objetos e de certos tipos específicos de defesa. O termo "relação", afirmam eles, deve ser entendido na verdadeira acepção da palavra, ou seja, inter-relação. Não apenas da maneira como o sujeito constitui seus objetos, mas também incluindo a maneira como estes modelam sua atividade. Pensamos tratar-se de uma relação psicológica, a qual implica no investimento de afetos, cognições, volições e desejos.

Quanto ao termo "objeto" sugerimos que seja utilizado de maneira a incluir os segundo e terceiro sentidos especificados acima, pois, entendemos que as relações objetais significam as relações do indivíduo com seus objetos, diferentemente da relação sujeito-objeto que é um relacionamento interpessoal.

A respeito dos objetos reais, do mundo externo, percebemos que não são independentes nem neutros, no sentido de que o sujeito não participe de sua real existência. Fazem parte de todo um processo de tentativa de buscar

na realidade externa um suporte que realize o desejo. Aqui, mais uma vez, temos por base a filosofia kantiana, a qual em psicanálise tem uma importância considerável, na medida em que, além de ser citada por Freud em, por exemplo, "Lo Inconsciente" (1915) e "El Problema Económico del Masoquismo" (1924), também se encontra presente na contribuição de W. R. Bion em diversas obras, tais como "Learning from Experiences" (1963), "Elements of Psychoanalysis" (1963) e "Transformations" (1965). Ou seja, não se trata de defender uma postura baseada em um realismo ingênuo, já que o sujeito nunca tem acesso às coisas em si (noumenos), de vez que estas lhe são dadas através da organização que a elas atribui (fenômenos).

Assim, devemos então distinguir as relações nas quais são utilizadas partes do próprio corpo como objetos externos e objetos internalizados que representam objetos externos, daquelas que ocorrem com objetos reais.

Gostaríamos também de ressaltar que é evidente que a apreensão do real pode, e de fato é modificada pelo que é internalizado após a experiência de cada um, da mesma maneira que os objetos internalizados e a relação com partes do próprio corpo utilizadas na função de objetos externos são modificadas a partir da relação com o objeto real.

Dissemos que Abraham foi um dos mais notáveis discípulos de Freud, chegando mesmo a influenciá-lo com sua teoria da evolução genética da libido, a qual, como vimos, compreende seis fases distintas. Aquilo que chamamos objeto em suas concepções se constitui paulatinamente enquanto vai sendo possível ultrapassar a incontinência na extravasão dos instintos. Vai, portanto, se organizando a possibilidade de altruísmo, de aceitação da existência de uma realidade externa - inóspita e agreste na medida em que a criança exige dela de forma onipotente e incondicional a satisfação de seus desejos - para a qual temos que nos voltar para sobreviver, e que contenha características próprias e não exista somente como utensílio de descargas

dos nossos impulsos.

Em outros termos, uma vez reconhecidos como dotados de existência própria, os objetos da realidade externa podem justamente se transformar em instrumentos de satisfação das necessidades.

Com relação a Fairbairn, pode-se afirmar que suas concepções constituem uma espécie de teoria do desenvolvimento do ego. Porém, que significação tem o termo objeto nos diversos empregos que dele faz uso?

Concebendo o ego como uma estrutura endopsíquica, postulou que os objetos são nele internalizados a partir das experiências de frustração e privação, as quais, são assim o germen da constituição de um mundo interno, já que o objeto libidinal originário (seio) não pode dar conta de todas as apêntências.

Por outro lado, como também já vimos, o desenvolvimento do ego, para Fairbairn, está caracterizado por um processo no qual uma etapa original de dependência infantil baseada na identificação absoluta com o objeto é abandonada em prol de um estado de dependência madura, baseada na diferenciação sujeito-objeto. Enquanto que um relacionamento satisfatório permite a possibilidade de se chegar ao outro sem precisar controlá-lo, um relacionamento insatisfatório aciona a tirania sobre o objeto.

Nesse sentido, as relações do ego são diretamente com o objeto real, a partir do qual internaliza-se o objeto insatisfatório,⁷ que por sua vez, é moldado pelo caráter fantástico dos vínculos primários.

Portanto, a psicologia das relações objetais fairbairniana compreende dois sentidos para o termo objeto. Ou seja, Fairbairn leva em conta a relação do ego com os objetos internalizados (estruturas endopsíquicas) como

⁷ Segundo Fairbairn(4) a internalização do objeto insatisfatório é uma medida de controle: a criança tenta controlar não o objeto satisfatório, mas aquele que não a satisfaz. Por isso o objeto mau é sempre internalizado em primeiro lugar, não tendo sentido a internalização primária de um objeto bom.

com os objetos reais do mundo externo, constituindo-se, nesse último caso, um relacionamento interpessoal.

No que concerne a Sullivan, como vimos, seu ponto de vista é conhecido como teoria interpessoal da psiquiatria, e por relacionamento interpessoal entendemos a relação da criança com o todo da mãe e outras pessoas que lhe sejam significativas.

Porém, quando se trata de perceber uma outra pessoa, não existe apenas o objeto externo, essa outra pessoa e a percepção das emanções da mesma, tais como raios luminosos, ondas sonoras, significados transmitidos por manifestações verbais, etc., mas também um fator de distorção segundo o qual nossa experiência passada influencia o relacionamento interpessoal.

Temos, pois, que levar em consideração a realidade interpessoal e a representação do que a pessoa significa em nossa mente. Isto é, o objeto real e a sua representação.

Como podemos perceber, no sistema de Sullivan, a realidade interpessoal, a relação sujeito-objeto tem uma importância primordial para a personalidade,⁸ tanto que a essência de seu método terapêutico, como vimos, consiste em fazer com que o indivíduo possa discriminar o real do que seja uma distorção nas relações interpessoais, produto de aprendizagens realizadas nas primeiras etapas do desenvolvimento.

Os argumentos acima apresentados nos permitem afirmar que na teoria psicanalítica o termo objeto tem uma amplitude bem maior do que possa parecer e é utilizado de diferentes maneiras por diferentes autores, estando compulsoriamente vinculado à concepção de "relação de objeto", a qual im-

⁸ Sullivan(50) afirmou que a personalidade é uma entidade puramente hipotética que não pode ser observada ou estudada à parte de situações interpessoais. Embora tenha se referido às representações que temos de nós mesmos e de outras pessoas em nossas mentes (personificações), insistiu que a personalidade constitui-se de ocorrências interpessoais, e não intrapsíquicas.

plica numa participação ativa do sujeito que o constitui. Certamente para ressaltar essa participação subjetiva é que Sullivan prefere falar de relacionamento interpessoal, talvez para evitar um entendimento puramente físico ou mecânico do objeto.

Dessa forma, não se pode, portanto, em psicanálise, falar de objeto sem falar de relação de objeto e de relacionamento interpessoal.

3 - OBJETO E RELAÇÕES OBJETAIS NA OBRA DE MELANIE KLEIN

Dedicar-nos-emos, nesse capítulo, à avaliação dos conceitos de objeto e de relações objetais, em ordem cronológica, na contribuição teórica de Melanie Klein.

Já que, como dissemos na introdução, o objeto tem para os psicanalistas kleinianos uma importância decisiva na formação do ego e do superego (no desenvolvimento da personalidade) e que seu conceito é em geral apresentado como plenamente sabido, faltando-nos uma elucidação mais pormenorizada do mesmo, são cabíveis as seguintes perguntas:

- 1) Trata-se de um conceito, de fato importante, que aciona o desenvolvimento do pensamento de Melanie Klein?
- 2) Manteve-se consistente durante toda a sua obra?
- 3) Relaciona-se com outros conceitos ou hipóteses fundamentais, não sendo compreendido senão através deles?

Entendemos que as respostas às perguntas acima conduzir-nos-ão a uma melhor compreensão da dinâmica do processo psicanalítico tal como Melanie Klein e seguidores o vêem.

3.1 - Trabalhos Anteriores a 1933

Em "O Desenvolvimento de uma Criança", (1921)(12) pela primeira vez, Melanie Klein se refere ao termo objeto. Neste texto ela discorre sobre a influência do esclarecimento sexual e o afrouxamento da autoridade no desenvolvimento intelectual das crianças, partindo do desenvolvimento de um menino de quatro anos e nove meses, Fritz, do qual cuidou muito tempo com desvelo, concluindo que a curiosidade sexual recalcada é uma das principais causas das mudanças mentais nas crianças, já que o recalque pode afetar o

intelecto em todas as dimensões do desenvolvimento, tanto em extensão como em profundidade.

A respeito dos desejos incestuosos de Fritz em relação à sua mãe, tornados conscientes em sua precoce análise infantil, Melanie Klein se deu conta de que esses afetos encontram-se claramente visíveis na vida diária da criança, a qual não fez tentativa alguma para ultrapassar os limites estabelecidos, comportando-se como qualquer outro menino afeiçoado à mãe. Também diz ela que as suas relações com o pai, a despeito ou por causa de seus desejos agressivos, são muito boas.

Dessa forma, afirmou que “. . . com o reconhecimento de seus desejos incestuosos, porém, o menino já está fazendo tentativas para libertar-se dessa paixão e conseguir a sua transferência para objetos mais apropriados . . . (assim) . . . É de se esperar, portanto, que ele conseguirá liberar-se da mãe pelo caminho apropriado, isto é, pela escolha de um objeto que se pareça com a imago⁹ da mãe.” (12, pág. 80,81)

No estudo de “A Análise Infantil” (1923)(13) onde Melanie Klein procurou demonstrar que, de acordo com a força do recalque, as fixações libidinais determinam a gênese da neurose e também da sublimação, seguindo ambas, durante certo tempo, o mesmo caminho, podendo a análise de crianças substituir o recalque pela sublimação e fazendo assim divergir o caminho que leva à neurose para o que conduz ao desenvolvimento dos talentos, a referência ao objeto fêz-se através de Ferencsi, Freud e Jones.

Referindo-se ao primeiro, afirmou ter ele postulado que a base da identificação, como estágio preliminar do simbolismo, é o fato de que num

9 Nos textos de “Contribuições à Psicanálise” o termo imago aparece grafado todas as vezes que dele Melanie Klein faz uso, certamente por se tratar de uma palavra latina. Segundo Laplanche e Pontalis (46) significa o protótipo inconsciente de personagens que orienta sobretudo a forma como o indivíduo apreende o outro, sendo elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas com o meio familiar.

estágio precoce de seu desenvolvimento a criança procura redescobrir os seus órgãos corporais e as respectivas atividades em todo objeto que encontra.

Quanto a Freud e Jones, salienta ela que, de acordo com aquele, a orientação precoce para o próprio corpo do indivíduo é acompanhada também pela descoberta de novas fontes de prazer, o que talvez torne possível a comparação entre diferentes órgãos e áreas do corpo. Tal comparação seria, pois, acompanhada pelo processo de identificação com outros objetos, processo mediante o qual, para Jones, o princípio do prazer nos permite comparar dois objetos, bem diferentes sob outros aspectos, na base da semelhança e do grau de prazer ou do interesse que despertam.

“Uma Contribuição à Psicogênese dos Tiques” (1925)(14) consiste no estudo da análise de Félix, um menino de treze anos. Inibido em seus interesses e nas relações sociais, apresentava também um tique, que à Melanie Klein pareceu-lhe apenas um sintoma secundário, e durante muito tempo não foi tratado como um dado pertinente. Entretanto, o papel que desempenhou na personalidade total do paciente, no desenvolvimento da mesma, da sua neurose e do seu caráter foi tamanho, que a análise só conseguiu eliminá-lo no final do seu processo.

Aqui, por diversas vezes, encontramos menções ao termo objeto, o qual aparece freqüentemente como fazendo parte de certas expressões. Senão, vejamos.

Em Félix, a fantasia de tomar o lugar da mãe em relação ao pai (atitude homossexual passiva) ficava oculta pela fantasia homossexual ativa de tomar o lugar do pai na relação sexual com um menino. Segundo Melanie Klein, esta fantasia representava sua escolha homossexual de objeto no nível narcísista. Ou seja, escolhia-se a si próprio como objeto de amor.

Sua antiga admiração pelo pai que foi mais tarde profundamente recal-

cada, levou-o a sentir um interesse homossexual direto, quando desenvolveu uma paixão romântica por um companheiro de turma, admirado por quase toda a classe e favorito de um dos professores. Melanie Klein entendeu que a relação desse menino com o professor representava para Félix a relação de seu desejo insatisfeito de ser amado como filho, por seu pai, como também de tomar o lugar da mãe na relação com o pai. E seu amor por seu companheiro, baseado sobretudo numa identificação, correspondia a uma relação objetal narcisista.

Como não foi retribuído em seus afetos, um outro colega da escola foi eleito como objeto amado. De acordo com dados recolhidos, afirma Melanie Klein que, entre outras coisas pelo seu aspecto físico, o novo companheiro parecia com o pai de Félix e estava destinado a substituí-lo em sua imaginação.

O prosseguimento da análise fêz aparecer mudanças notáveis para outras direções até que surgiram desejos heterossexuais que se manifestavam na forma de admiração por uma atriz. Todavia tal modificação estava muito influenciada por sua atitude homossexual, já que a atriz eleita possuía atributos masculinos. Esta nova atitude por parte de Félix persistiu ainda na escolha de seu segundo objeto amoroso heterossexual, de vez que se apaixonou por uma menina mais velha que ele que tomara a iniciativa do namoro.

A mudança das tendências homossexuais para as heterossexuais encontrou expressão no desenvolvimento e nas fantasias de masturbação de Félix (sobretudo naquelas ligadas à sua observação das relações sexuais entre os pais, já que ele havia compartilhado do quarto dos mesmos até a idade de seis anos), as quais foram um fator decisivo na cura do seu tique. O abandono forçado da masturbação provocara descargas motoras em outras vias, entre as quais, caretas, piscar, esfregar os olhos, motilidade excessiva e por fim o tique. Tais fantasias recalcadas se ligavam em parte a essas des-

cargas motoras e estavam contidas em todas as suas tentativas de sublimação. Encontravam-se igualmente na base do amor que tinha pelos esportes associadas ao tique, ou seja, à identificação oriunda da cena primária, com ambos os pais em coito, quando em sua mente participava como expectador e como objeto amado.

Manifestando-se finalmente a respeito do tique, Melanie Klein está convencida de que ele não pode estar acessível à influência terapêutica enquanto a análise não conseguir encontrar as suas relações com o objeto em que se baseia e descobriu que sob ele residem impulsos sádico-anais dirigidos ao objeto, sendo um sintoma narcisista secundário.

O estudo das diferenças entre a vida mental das crianças e a dos adultos foi levado a cabo em "Princípios Psicológicos da Análise Infantil" (1926)(15).

Segundo Melanie Klein, numa idade muito precoce, as crianças têm acesso à realidade através das frustrações que lhes são impostas, sendo o critério de todas as possibilidades de adaptação à realidade, o grau em que podem tolerar as frustrações que resultam da situação edípica. Observou que as crianças mostram em torno do começo do segundo ano uma acentuada preferência pelo genitor do sexo oposto, o que considerou como uma indicação de um complexo de Édipo incipiente.

A análise de várias crianças entre dois e quatro anos levou-a a concluir que nelas, o complexo de Édipo já exercia poderosa influência desde o segundo ano de vida. Nas meninas o pai era escolhido como objeto amoroso logo após o desmame, e tal frustração, geralmente seguida pelo treinamento no asseio corporal, afrouxava os laços com a mãe e fazia surgir a atração heterossexual. Já o efeito de tais frustrações na evolução do complexo de Édipo dos meninos é simultaneamente inibitório, da dependência ou fixação materna, e estimulante, quando, por outro lado, as frustrações orais e anais pro

movem o desenvolvimento da situação edípica obrigando-os a mudar a posição de sua libido e a desejar a mãe como objeto de amor genital.

No ano de 1927, na Sociedade Psicanalítica Britânica, Melanie Klein apresentou o seu "Simpósio sobre a Análise Infantil"(16) onde estabeleceu conexões entre o objeto e a formação do superego.

Fazendo um rápido retrospecto da análise de crianças em geral, afirmou, como já vimos acima, que baseada em sua experiência clínica pôde comprovar que o complexo edípico sucede à frustração provocada pelo desmame, ocorrendo no fim do primeiro ano ou no começo do segundo ano de vida, quando também tem início a formação do superego. Por isso, diz ela, que mesmo um menino de três anos, por exemplo, já deixou atrás de si a parte mais importante de sua evolução do complexo de Édipo, estando já bem afastado dos objetos que ele originalmente cobiçou devido à repressão e aos sentimentos de culpa. Deste modo os atuais objetos de amor são agora imagos dos objetos originais e é exatamente por isso que as crianças podem perfeitamente iniciar uma nova edição de suas relações de amor com referência ao analista.

Por superego, Melanie Klein entende ". . . a faculdade que resulta do desenvolvimento edípico através da introjeção dos objetos edípicos e que, com a passagem do complexo de Édipo assume forma duradoura e inalterável. . . esta faculdade, tanto durante a sua evolução como, e ainda mais, quando está completamente formada, difere fundamentalmente daqueles objetos que iniciaram realmente o seu desenvolvimento." (15, pág. 216)

Assim, entendemos que como o sujeito visa ter onde depositar tais imagos, neste momento, Melanie Klein está, pois, utilizando o termo objeto como receptáculo das imagos.

"Primeiras Fases do Complexo de Édipo" (1928)(17) pode ser considerado como um dos primeiros trabalhos mais importantes de Melanie Klein. Encontramos nele novas alusões ao fato de que o complexo edípico começa real-

mente a atuar precocemente, em consequência das frustrações sofridas pelo desmame, daquelas decorrentes dos hábitos higiênicos e também da diferença anatômica entre os sexos. Dessa maneira, “. . . O menino ao sentir-se impellido a abandonar a posição oral e anal pela genital passa para os fins de penetração associados à posse de um pênis. Assim modifica, não apenas sua posição libidínica, mas também seu fim, e isto lhe permite reter o seu objeto de amor original. Na menina, por outro lado, seu fim receptivo é trasladado da posição oral para a genital; assim, muda sua posição libidínica mas retém seu fim, que já a conduzira a um desapontamento em relação à mãe. Desta forma, origina-se na menina a receptividade para o pênis e ela se dirige então ao pai como objeto de amor.” (17, pág. 253, 254)

Melanie Klein também acentuou que o início dos desejos edípicos está associado ao medo incipiente de castração e ao sentimento de culpa, ressaltando ainda que esse último, associado às fixações pré-genitais, já é efeito direto do complexo edípico. Ou seja, o sentimento de culpa resulta da introjeção dos objetos de amor edípico, sendo o produto da formação do superego.

Referindo-se à estrutura do superego, demonstrou ela que, a sua origem está na base de identificações contraditórias entre si que datam de diferentes períodos da vida mental, já que lado a lado coexistem uma bondade excessiva e um excessivo rigor. Consegue assim explicar como, em uma criança de mais ou menos um ano, a ansiedade oriunda do complexo edípico toma a forma de um temor de ser devorada e de ser destruída: a criança deseja destruir seu objeto libidínico com seus impulsos de mordê-lo, cortá-lo e devorá-lo, o que provoca ansiedade, na medida em que o despertar das tendências edípicas é seguido pela introjeção do objeto, do qual a criança espera semelhante castigo. Logo, o superego é, então, algo que morde, corta e devora.

Como o ego está tão pouco desenvolvido quando é assolado pelo apareci

mento das tendências edípicas e pela curiosidade sexual que elas despertam, para Melanie Klein, a criança ainda não desenvolvida intelectualmente, ficará exposta a uma série de problemas e interrogações. Seu impulso epistemofílico relacionado principalmente com o corpo da mãe que ela supõe ser o palco de todos os processos sexuais e do qual gostaria de tomar posse, estará, pois, estreitamente ligado a um intenso sadismo, ao mesmo tempo que também ao sentimento de culpa provocado pelo incipiente complexo edípico.

Gostaríamos também de ressaltar, que na opinião de Melanie Klein, suas conclusões não contradizem as observações de Freud, pois apenas colocam tais processos em épocas muito mais recuadas, dominadas pelas fases pré-genitais de desenvolvimento.

Em "A Personificação nos Jogos das Crianças" (1929)(18) Melanie Klein discute o que ela chamou ser o principal mecanismo dos jogos infantis, em que vários personagens são inventados e distribuídos, bem como as relações entre essas personificações e a realização de desejos.

Tomemos o caso de seu paciente George, por exemplo, de seis anos. Durante meses apresentou uma série de fantasias onde vinha a ser um poderoso líder de um bando de caçadores selvagens e de ferozes animais, que lutava, conquistava e matava cruelmente os seus inimigos, os quais, por sua vez, também tinham animais ferozes para defendê-los. A luta, entretanto, nunca terminava, já que apareciam sempre novos inimigos. George se sentia sempre rodeado e ameaçado por mágicos, feiticeiras e soldados, procurando deles defender-se com o auxílio de figuras também fantásticas que o ajudavam.

Através de seus dados clínicos, Melanie Klein chegou à conclusão de que as imagos desta natureza, que representam estágios intermediários entre o superego terrivelmente ameaçador, totalmente divorciado da realidade, e as identificações que se aproximavam do real, ou seja, com características boas e más, são um mecanismo geral tanto em adultos quanto em crianças.

Afirmou que elas levam a marca dos impulsos instintivos pré-genitais, muito embora estejam estruturadas na realidade sobre a base de objetos edípicos reais e, na medida em que, com o progresso da análise cada vez mais se aproximam desses últimos, torna-se mais acentuada a boa relação com a realidade, característica de crianças tidas como normais, cujos jogos mostram um equilíbrio melhor entre fantasia e realidade. As psicoses e neuroses obsessivas graves, além de se caracterizarem por uma relação perturbada ou deslocada com a realidade, são também enfermidades nas quais as figuras de realização de desejos são negativas, prevalecendo personagens extremamente cruéis.

Por fim, quanto à análise infantil, afirmou Melanie Klein que um dos seus principais objetivos é a modificação gradual da severidade do superego, observando-se as causas mais antigas de sua formação, o que pode ser possível com a ajuda da técnica do jogo: diminuindo-se a intensa ansiedade ligada às imagos terroríficas, estará, pois, aberto o caminho para o desenvolvimento de imagos bondosas, originadas no estágio oral de sucção, partindo daí para atingir o primado genital na sexualidade e na formação do superego.

Supondo que há uma primeira etapa do desenvolvimento mental, à qual já nos referimos antes, em que o sadismo se ativa em cada uma das diversas fontes de prazer libidinoso, Melanie Klein desenvolveu seu ensaio "A importância da Formação de Símbolos no Desenvolvimento do Ego" (1930)(19).

De acordo com suas observações o sadismo alcança seu ponto culminante no momento em que se intensifica o desejo sádico-oral de devorar o seio da mãe ou toda ela, ao qual também se acrescentam o sadismo uretral bem como o sadismo anal. As fantasias predominantes asseguram a crença de que o sujeito deseja apoderar-se do conteúdo do corpo da mãe, esperando nele encontrar o pênis do pai, excrementos e crianças, homologando todas essas coisas como

substâncias comestíveis. Assim sendo, já que de acordo com as teorias sexuais infantis a respeito do coito entre os pais a criança imagina que durante este ato o pênis é incorporado pela mãe, Melanie Klein salienta que os ataques sádicos têm por alvo ambos os pais. Evidentemente que tais ataques despertam ansiedade, de vez que a criança tem medo de ser castigada pelos pais unidos e esta angústia acaba sendo interiorizada em consequência da introjeção sádico-oral dos objetos. Por isso, o ego ainda não completamente desenvolvido se encontra perante a tarefa totalmente fora do seu alcance de dominar a angústia mais intensa.

Ou seja, como a criança deseja destruir os órgãos que representam os objetos, começa a temer esses últimos. A ansiedade contribui a que equipare tais órgãos (pênis, vagina, seio) a outras coisas, as quais, devido à equiparação, por sua vez, converter-se-ão em objetos de ansiedade. Logo, "... a criança se sente constantemente impelida a fazer novas equações que constituem a base dos seus interesses nos novos objetos, e do simbolismo." (19, pág. 297) Este último não constitui apenas o fundamento de toda fantasia e sublimação; sobre ele também se constrói a relação do sujeito com o mundo exterior e com a realidade em geral. Por conseguinte, afirma Melanie Klein, o desenvolvimento do ego e a relação com a realidade dependerão do grau da capacidade do ego para tolerar a pressão das primeiras situações de ansiedade de uma etapa muito recuada. Se por um lado uma quantidade suficiente de ansiedade é necessária para a formação de símbolos e fantasias, por outro, ela só é satisfatoriamente elaborada se o ego tiver adequada capacidade para tolerá-la.

"Fundamentos Psicológicos da Análise Infantil"(1932)(20) amplia basicamente as conclusões às quais Melanie Klein havia chegado quando em 1926 escreveu "Princípios Psicológicos da Análise Infantil"(15). Ou seja, ela procura mostrar que os mecanismos psicológicos iniciais da criança pequena

são bastante diferentes daqueles encontrados na análise de indivíduos adultos, embora, assinala, possamos encontrar também paralelos. Tendo em conta tais diferenças desenvolveu seu método da análise lúdica, onde a análise da situação transferencial e das resistências, a remoção das amnésias infantis e dos efeitos da repressão e a revelação da cena primária devem ser levadas em consideração e, segundo o qual o modo primário e arcaico de representação, por meio de brinquedos e da ação, é o meio fundamental de expressão da criança, que nos possibilita ter acesso às suas fixações e experiências mais profundamente recalcadas, permitindo-nos assim uma influência acentuada em seu desenvolvimento, já que jamais conseguiríamos empreender uma análise completa unicamente por meio da linguagem. Diante disso, a diferença entre a análise infantil e a de adultos é puramente de técnica, e não de princípios, como muito bem podemos compreender.

Falando sobre seu trabalho analítico, afirmou Melanie Klein que a medida que ele prossegue, a relação da criança com a realidade, a princípio bastante tênue, vai ganhando em força e plenitude até o ponto, por exemplo, em que o pequeno paciente passará “. . . a distinguir entre sua pretensa mãe e a verdadeira ou entre seu irmão real e o brinquedo que o representa. Ele insistirá em que apenas quis fazer isto ou aquilo ao seu irmão de brinquedo, mas que gosta muito de seu irmão real. Somente depois que as resistências mais fortes e obstinadas tiverem sido vencidas é que ele estará em condições de reconhecer que seus atos agressivos eram dirigidos contra o objeto humano e real.” (20, pág. 34, 35) Uma vez atingido tal ponto terá feito um progresso muito importante em sua adaptação à realidade.

A importância do conceito de objeto na prática torna-se, aqui, patente, pois o crescimento implica em passar da consideração do objeto apenas como utensílio de descargas para chegar a considerá-lo na dimensão de pessoa real, isto é, objeto pessoalizado ou total.

Em ‘A Técnica da Análise da Criança Pequena’ (1932)(21) Melanie Klein expõe os princípios fundamentais da técnica por ela criada através de fragmentos da análise de Peter, menino de três anos e nove meses, portador de grave neurose, que esteve sob seus cuidados e de outras crianças de quem também tratou.

Um dos pontos fundamentais de tal técnica diz respeito ao fato de que assim que o pequeno paciente tiver deixado entrever seus complexos através de jogos, desenhos ou fantasias ou simplesmente por seu comportamento geral, a interpretação deve ter início. Segundo Melanie Klein isto não é contrário à regra de que o analista deve esperar que a transferência se efetue imediatamente, podendo ele ter acesso a provas concretas de sua natureza positiva. Porém, manifestando a criança timidez, ansiedade ou desconfiança sua conduta deve ser encarada como um sinal de transferência negativa, o que faz com que a interpretação se torne mais imperiosa, já que reduzirá a transferência negativa do paciente, fazendo os afetos negativos retrocederem às situações e objetos originais.

Por exemplo, referindo-se a sua pequena paciente Rita, de dois anos e nove meses, portadora de neurose obsessiva e muito ambivalente, Melanie Klein relata que toda vez que ela sentia uma resistêcia queria abandonar a sala, o que a obrigava a uma interpretação imediata que pudesse solucionar a resistêcia em questão. Logo que lhe explicava a causa desta última, referindo-a sempre às situações e objetos originais, como já ressaltamos acima, a menina tornava a se mostrar confiante e amistosa e continuava o jogo que havia interrompido, propiciando à Melanie Klein através de detalhes do mesmo, a confirmação da interpretação que ela acabara de fazer.

Neste ensaio encontramos ainda uma outra alusão ao tema que estamos investigando, quando Melanie Klein diz que a maior meta psicológica que a criança deve alcançar e que inclusive lhe toma a maior parte de suas ener-

gias psíquicas é o domínio da angústia, que seu inconsciente se interessa primariamente pelos objetos e que estes poderão aliviar ou excitar essa última. Segundo o alívio ou a excitação produzidos sua transferência para tais objetos será positiva ou negativa.

Por fim, tendo em conta a luta contra o medo aos objetos que lhe estão mais próximos, a criança, afirma Melanie Klein, tende a estender esse temor aos objetos mais distantes, por um processo de deslocamento - situação bastante comum de se lidar com a angústia - e a ver neles uma personificação da "mãe má" e do "pai mau".

Como podemos perceber, para Melanie Klein, o manejo da transferência implicaria, pois, em mudanças na maneira do paciente se relacionar com seus objetos.

A análise de Erna, de seis anos, que possuía numerosos sintomas graves, é apresentada em "Neurose Obsessiva numa Menina de Seis Anos" (1932) (22) onde Melanie Klein também compara a técnica da análise da criança pequena com a técnica da análise da criança no período de latência, trata de certas questões de importância geral e teórica (por exemplo, quando podemos dar por encerrada a análise de uma criança?) e descreve os métodos empregados na análise das neuroses obsessivas infantis.

Erna sofria de insônia que era ocasionada, segundo Melanie Klein, tanto por ansiedade, pois demonstrava medo de ladrões e assaltantes, quanto por uma série de atividades obsessivas, tais como deitar de bruços e bater violentamente a cabeça no travesseiro, balançar-se sentada ou deitada de costas, chupar o polegar e masturbar-se em excesso até mesmo diante de estranhos. Sofria de depressões profundas e em suas relações com a mãe era excessivamente afetuosa, mas às vezes assumia uma atitude hostil. Dominava-a completamente, impedia-lhe a liberdade de movimentos e importunava-a com seu amor e seu ódio.

Seus jogos, acentua Melanie Klein, traduziam seu desejo de suplantar o pai junto à mãe, embora em outros se manifestasse seu desejo edípico direto de despojar a mãe e conquistar o pai. Frequentemente brincava de mãe, desempenhando a analista o papel de filha que tinha como uma das maiores faltas chupar o polegar. O primeiro objeto que ela devia levar à boca era uma locomotiva da qual Erna já havia admirado os faróis dourados, bonitos e chamajantes e os quais punha na boca para sugar. Estes representavam para ela o seio de sua mãe e o pênis de seu pai, e a tais jogos, sucediam-se acessos de cólera, inveja e hostilidade contra a mãe que, logo em seguida, eram substituídos por remorso e por tentativas de se fazer corrigir e de se fazer perdoar.

Se por um lado suas relações com a mãe estavam completamente distorcidas pelo ódio a ponto de qualquer medida educativa, ato de disciplina ou frustração inevitável ser encarado como um ataque sádico por parte daquela que objetivava humilhá-la bem como maltratá-la, por outro, Erna demonstrava afeição por sua filha imaginária enquanto esta era um bebê, cuidando dela com carinho, banhando-lhe e até mesmo perdoando-a quando se sujava. Porém, quando crescia mostrava-se cruel e deixava que os diabos a torturassem até a morte.

Como muito bem puderam demonstrar as fantasias da menina, salienta Melanie Klein, esta "filhinha" representava também a mãe transformada em criança, e quando, como nesse caso, a fúria da criança contra o objeto é realmente excessiva, a situação básica é a de que o superego se voltou contra o id, escapando o ego a essa situação intolerável por meio de uma projeção. Apresenta o objeto como inimigo para que o id possa destruí-lo sadicamente com o consentimento do superego.

Assim, efetuando desse modo uma aliança entre o superego e o id, pode o ego provisoriamente expelir o sadismo do superego que era dirigido contra

o id, para o mundo externo, o que contribui para que os impulsos sádicos primários dirigidos contra o objeto sejam incrementados pelo ódio originalmente dirigido contra o id.

Pondo a descoberto os fortes traços melancólicos que Erna, em sua enfermidade, apresentava, a análise mostrou terem eles raízes nos sentimentos de angústia e culpa, resultantes da introjeção oral-sádica de seus objetos de amor, e também demonstrou que o fato de haver a menina assistido ao coito dos pais incrementou seu sentimento de frustração e inveja em relação a eles, reforçando as fantasias e impulsos sádicos dirigidos contra a gratificação sexual que obtinham. Seus sintomas obsessivos foram todos explicados por Melanie Klein, que afirmou que o modo compulsivo com que chupava o polegar era devido a fantasias em que ela chupava, mordía e devorava o pênis do pai e o seio da mãe, ambos representando, respectivamente, o pai e a mãe inteiros. Ao bater com a cabeça no travesseiro, já que este tinha o significado inconsciente de pênis, representava os movimentos do pai durante o coito e, se parasse de fazê-lo ficava com medo de ladrões e assaltantes. Ou seja, livrava-se de seu medo identificando-se com o objeto temido.

Quanto à masturbação, sua estrutura era bastante complicada. A própria Erna distinguia várias formas da mesma: uma pressão nas coxas, um movimento balanceado e um puxão no clítoris onde gostaria de trazer para fora algo muito comprido. Costumava também fazer pressão na vagina enfiando uma ponta de lençol entre as pernas. Para Melanie Klein havia várias identificações nessas formas de masturbação, segundo se nas fantasias que a acompanhavam Erna assumisse o papel ativo do pai ou o passivo da mãe ou o de ambos ao mesmo tempo. Tais fantasias masturbatórias sado-masoquistas mostravam, pois, claramente, sua relação com a cena primária e as fantasias primárias. Seu sadismo era dirigido contra os genitores em coito e, como reação, tinha fantasias de natureza masoquista.

Com "A Técnica da Análise no Período de Latência" (1932)(23) Melanie Klein assinala as dificuldades de um tratamento nesta fase de desenvolvimento, já que as crianças têm uma vida imaginativa muito restrita em função das fortes tendências ao recalque características dessa idade, não apresentam consciência de que estão doentes, não desejando ser curadas e possuem uma atitude de reserva e desconfiança que é em parte devida à intensa preocupação com a luta contra a masturbação na qual se acham empenhadas.

Em outros termos, os paciente dessa idade são difíceis de serem abordados de vez que não brincam como os pequeninos e nem tampouco fornecem associações verbais como os adultos. Porém, como afirma Melanie Klein, a despeito de todas essas dificuldades não é impossível estabelecer a situação analítica que vai nos permitir entrar em contato com o inconsciente, apesar das crianças já terem dessexualizado suas experiências e fantasias, dando-lhes uma outra forma. Para tal, são interpretadas a curiosidade reprimida que, por sua vez, se acha relacionada aos sentimentos de culpa e ansiedade, o que libera a imaginação e a comunicação verbal e alivia a criança, a qual passa, então, a compreender o trabalho analítico. São utilizados com frequência jogos de representação de papéis, desenhos, e também, às vezes, jogos com brinquedos e associações verbais.

Neste texto, ao focalizar um fragmento da análise de Inge, sete anos, portadora de inibição escolar, Melanie Klein faz uma referência mais direta ao objeto. Em seus jogos, a menina "... tinha uma loja de brinquedos e eu devia comprar dela uma variedade de artigos para os meus filhos, entre os quais canetas-tinteiro e lápis, para torná-los mais espertos e inteligentes. Esses artigos eram todos símbolos de pênis e indicavam o que é que ela desejaria ganhar de sua mãe. Neste jogo, em que novamente predominavam a atitude homossexual da menina e seu complexo de castração, realizava o desejo de receber da genitora o pênis paterno para que, com o auxílio deste, pu

desse suplantar o pai e conquistar o amor de sua mãe. Entretanto, no desenrolar subsequente do jogo, ela preferiu vender-me mantimentos para os meus filhos; tornou-se, então, evidente que o pênis do pai e o seio da mãe eram os objetos de seus desejos orais mais profundos, e que seus problemas em geral e sua dificuldade para aprender, em particular, tinham como origem suas frustrações orais." (23, pág. 98)

Desta forma, para Inge, seu objeto do desejo (pênis do pai) está não só à satisfação de seus desejos, como também aos de sua mãe, já que de posse do pênis pode seduzir esta última. Nos damos conta de que o objeto ganha aqui uma finalidade instrumental, ou seja, triunfar sobre o pai e seduzir a mãe.

A análise de adolescentes difere, em muitos pontos essenciais, da análise do período de latência, existindo, porém, fortes pontos de analogia com a análise da criança pequena, pois tornamos a encontrar um maior domínio das emoções e do inconsciente e uma vida imaginativa muito mais rica. Em "A Técnica da Análise na Puberdade" (1932)(24) Melanie Klein mostrou que os impulsos dos adolescentes são mais poderosos, a atividade de suas fantasias é maior e que seu ego tem outros desígnios e outra relação com a realidade. Além disso, as manifestações afetivas e a angústia são expressadas com intensidade bem maior do que no período de latência. A atitude de desafio e revolta, característica da puberdade, e que se constitui em um mecanismo de defesa que tem por meta combater a ansiedade e modificá-la, vem dificultar em muito a análise desse período.

Segundo Melanie Klein, se não tivermos um rápido acesso à angústia do paciente e aos afetos que ele manifesta, assumindo uma atitude provocante e negativa, na transferência, a análise estará fadada a ser bruscamente interrompida.

Os desejos de dar provas de coragem no mundo real bem como os de com-

petição com os outros tornam-se proeminentes nesse estágio, e exprimem, para Melanie Klein, fantasias de rivalidade do adolescente com o pai pela posse da mãe, como também fantasias relacionadas à sua potência sexual. Tais desejos são acompanhados de sentimentos de ódio e de agressão em todas as formas, os quais incrementam os sentimentos de culpa, de maneira que "... os mecanismos peculiares à puberdade dissimulam esses fatos muito melhor do que os mecanismos da criança pequena, pois o adolescente toma para seu modelo heróis, grandes homens, etc. Pelo fato de esses objetos se encontrarem afastados ele pode se identificar muito mais facilmente com os mesmos, e encontrar, assim, uma supercompensação durável para os sentimentos negativos que lhe inspiram suas imagos paternas. Graças a essa divisão da imago do pai, ele desvia suas violentas tendências destrutivas para outros objetos. Se reunirmos, portanto, sua admiração supercompensatória por alguns objetos e o ódio excessivo e o desprezo que ele nutre por outros, tais como professores e parentes, poderemos chegar a analisar seu complexo de Édipo e seus afetos tão completamente como o fazemos com as crianças pequenas." (24, pág. 121)

Pode-se facilmente perceber, que Melanie Klein, agora, está falando do objeto que permite a identificação.

Como podemos distinguir uma criança travessa, inquieta, de outra realmente doente? Ou seja, que dificuldades podem ser encaradas como normais e quais as que devem ser consideradas neuróticas, no pequeno ser? Assim, Melanie Klein começa "A Neurose na Criança", (1932)(25) ensaio no qual afirma que conquanto não ultrapassem certos limites, é de se esperar que encontremos certas dificuldades que, variando em importância e efeito, são inevitáveis ao crescimento infantil. Por exemplo, dificuldades alimentares, manifestações de angústia em forma de terrores noturnos ou de fobias, timidez geral provocando inibições nas relações sociais, nos jogos, etc. Tais pro-

blemas foram considerados como modificações da angústia primitiva.

A criança que se conformar a todas as exigências de sua educação, não se deixando dominar por sua vida instintiva e suas fantasias, parecendo perfeitamente adaptada à realidade, será certamente anormal no mais amplo sentido da palavra, razão pela qual, segundo Melanie Klein, para julgarmos o que é neurótico numa criança não podemos nos guiar pelos critérios vigentes para os adultos, pois nunca a criança menos neurótica será aquela que mais se aproxime do adulto não neurótico. Normalmente devemos esperar encontrar traços visíveis de lutas e crises que a criança atravessa em seus primeiros anos de vida. Entretanto essas manifestações diferirão em muitos aspectos dos sintomas que caracterizam a neurose do adulto.

Assim, a criança que deixar transparecer até certo ponto sua ambivalência e seus afetos, sua submissão aos impulsos instintivos e às fantasias, e as influências exercidas por seu superego, poderá ser considerada, afirma Melanie Klein, como normal. Por outro lado, se sua angústia e ambivalência, bem como os obstáculos que opõe à sua adaptação e à realidade, ultrapassarem um certo limite, conforme já assinalamos acima, deverá ser considerada incontestavelmente neurótica.

Em muitas crianças, diz Melanie Klein, a incapacidade original de tolerar frustrações fica dissimulada pela adaptação geral às exigências de sua educação. Tornando-se "boas" e "espertas", são precisamente aquelas que vão manifestar atitudes de indiferença face, por exemplo, aos presentes e aos mimos, além de demonstrarem grande inibição nos jogos e excessiva fixação aos seus objetos, incrementando enormemente a probabilidade de serem vítimas de uma neurose nos anos ulteriores. Terão como principal objetivo combater a angústia e a culpabilidade a todo custo, por mais que tenham que abdicar à satisfação de seus instintos.

Ao explicar como demonstra a criança estar bem adaptada internamente,

Melanie Klein, uma vez mais se referiu ao objeto: “. . . É bom sinal quando ela gosta de brincar e dá livre expansão as suas fantasias ao fazê-lo, estando ao mesmo tempo bem adaptada à realidade – como se pode reconhecer por certos sinais definidos – e quando tem relações realmente boas, e não exageradamente afetuosas, com seus objetos. Outro bom sinal é quando, concomitantemente, seus impulsos epistemofílicos tiverem um desenvolvimento relativamente tranqüilo, fluindo livremente em numerosas e diferentes direções, sem que, por outro lado, tenham aquele caráter de compulsão e intensidade típico da neurose obsessiva. A emergência de um certo montante de afeto e de angústia também é, a meu ver, a pré-condição de um desenvolvimento favorável. Contudo, segundo minhas experiências, essas e outras razões que militam por um bom prognóstico têm apenas um valor relativo e não constituem garantia absoluta para o futuro; pois o reaparecimento ou não de sua neurose nos anos seguintes dependerá amiúde da imprevisível favorabilidade ou desfavorabilidade das realidades externas, que a criança encontrará, à medida que for crescendo.” (25, pág. 149, 150)

O objeto, nesse contexto, é encarado como sendo aquilo com que a criança interage. Ou seja, como referência externa para observação de como a criança se relaciona.

Uma das mais importantes conquistas da psicanálise é a descoberta de que as crianças possuem uma vida sexual que se exprime tanto nas atividades sexuais diretas quanto nas fantasias sexuais. Em “As Atividades Sexuais da Criança”, (1932)(26) Melanie Klein procurou estudar a masturbação, a relação entre as fantasias masturbatórias e as sublimações, a onipotência, a frigidez e outros distúrbios sexuais em suas origens infantis, através de alguns casos de crianças que passaram por suas mãos.

Por três vezes ela se referiu ao objeto neste ensaio, duas das quais quando comentava o caso dos irmãos Franz e Günther, respectivamente, de cin

co e seis anos e portadores de fortes traços psicóticos. Essas crianças foram criadas em um ambiente pobre, porém não desfavorável, já que seus pais se davam bem e sua mãe, apesar de ter de fazer todo o trabalho doméstico, interessava-se vivamente por seus filhos. Franz era altamente agressivo, hiperexcitável e difícil de lidar, ao passo que Günther fora enviado à análise devido a seu caráter excepcionalmente tímido e inibido e à sua patente falta de contato com a realidade.

Através da análise, Melanie Klein, conseguiu descobrir e ter acesso ao que ficou registrado no inconsciente de ambos quando aos dois anos e meio e três anos e meio, respectivamente, Franz e Günther mantiveram relações sexuais. Apesar de nenhum deles ter tido qualquer sentimento consciente de culpa com relação a esses atos, embora procurassem ocultá-los cuidadosamente, sofriam de profunda culpabilidade inconsciente. Para Günther, o mais velho, que havia seduzido Franz, seu ato equivalia a castrar o irmão e destruir completamente o interior de seu corpo. A análise das fantasias que acompanhavam essas atividades sexuais demonstrou que elas tinham não somente o sentido de um ataque destrutivo contra o irmão menor, mas que ele também representava o pai e a mãe unidos em coito. Seu comportamento era, pois, a realização de fantasias masturbatórias contra os genitores.

No que diz respeito a Franz, Melanie Klein afirmou que ele já havia compreendido, inconscientemente, o significado oculto dessas práticas sexuais e o terror de ser castrado e morto pelo irmão mais velho era nele exacerbado. Por outro lado, reagia a essas atividades que o atemorizavam incrivelmente, com uma forte fixação masoquista e, apesar de seduzido, com um intenso sentimento de culpa. Deste modo, identificando-se com o objeto de seu medo procurava dominar a ansiedade que o assolava. Imaginava-se no papel de agressor e o inimigo a quem derrotava era o seu id que também era ao mesmo tempo o pênis internalizado de seu irmão, e que representava o pênis

do pai, seu superego perigoso, a quem ele considerava como perseguidor. Todavia, uma vez que “. . . não podia manter essa aliança com um cruel superego externo contra seu próprio id e seus objetos internalizados, pois isso constituía uma ameaça demasiadamente grande para o seu ego, seu ódio era continuamente desviado para os objetos externos – que também representavam seu próprio ego débil e odiado – de sorte que às vezes se mostrava brutal com crianças menores e mais fracas do que ele.” (26, pág. 164)

Finalmente uma nova referência ao objeto aparece já quase no final do texto, quando Melanie Klein afirma que tendo por base numerosos casos de que tratou, acredita que quando há um predomínio de fatores libidinais positivos tais como gratificação da libido e desejo de conhecimento sexual, esses contatos sexuais que as crianças mantêm entre si têm uma influência favorável sobre as suas relações objetais e sobre a sua capacidade de amor. Mas se predominarem impulsos destrutivos e atos de coerção, pelo menos em um dos parceiros, todo o desenvolvimento estará gravemente comprometido.

Podemos, pois, afirmar que no parágrafo anterior, a expressão relações objetais aparece com a conotação de relacionamento intersubjetivo. Ou seja, o termo objeto é utilizado como uma adjetivação do conceito de relação, a qual possui a conotação de relacionamento interpessoal.

“Primeiros Estádios do Conflito Edípico e da Formação do Superego” (1932)(27) constitui-se na descrição dos estágios do conflito edípico e da formação do superego, os quais, segundo Melanie Klein, se estendem da metade do primeiro ano até o terceiro ano de vida da criança.

Os impulsos edípicos, como já dissemos antes, são liberados pelas frustrações orais. O superego da criança começa, simultaneamente, a formar-se e os impulsos genitais, inicialmente despercebidos não se afirmam contra os pré-genitais a não ser após o terceiro ano, quando então começam a manifestar-se claramente, levando a criança a uma fase em que a sexualidade

precoce é intensa e o conflito edípico atinge a sua plenitude.

Para Melanie Klein, o desenvolvimento normal da criança depende de como ela vivencia o estágio oral de sucção. Ou seja, não tendo obtido gratificação ao sugar, quer por frustrações externas (circunstâncias em que é alimentada), quer por frustrações internas (sadismo oral anormalmente desenvolvido), aumentará sua necessidade de gratificação no estágio oral de morder. Assim, se este for o caso, se as tendências oral-sádicas forem ativadas precoce e violentamente “. . . as relações objetais da criança e a formação de seu caráter cairão sob o domínio do sadismo e da ambivalência; por outra parte a angústia suscitada por um incremento tão abrupto de sadismo oral exercerá forte pressão sobre o ego ainda imaturo, . . .” (27, pág. 75)

Aqui, entendemos que Melanie Klein está afirmando que a relação objetal é determinada pela maneira como a criança vivencia os objetos do mundo exterior. Em outros termos, o objeto real, externo, fica com uma importância secundária, dependendo do grau de sadismo que predomine. A realidade do objeto externo, torna-se, portanto, muito relativa, passando ele a ser entendido como uma espécie de arena na qual a criança aciona suas lutas, seus impulsos e conflitos. Ganha, pois, o sentido de depositário.

A respeito da origem da angústia afirma Melanie Klein que os impulsos destrutivos, também são dirigidos contra o próprio organismo, sendo encarados como um perigo pelo ego. Este perigo que o indivíduo sente em forma de angústia tem sua origem na agressividade. Como a frustração libidinal incrementa os impulsos sádicos, a libido insatisfeita libertaria ou aumentaria indiretamente a angústia.

Citando Freud, Melanie Klein ressalta que a libido narcísica deflete os impulsos destrutivos para o exterior, impedindo dessa forma que eles destruam o próprio organismo. Esse processo condiciona as relações objetais do indivíduo e constitui a base do mecanismo de projeção. Porém, paralelamente a este

se deslocamento, parte desses impulsos permanece no organismo, fixada à libido.

O ego, assinala Melanie Klein, dispõe ainda de outro meio para dominar os impulsos destrutivos: mobiliza uma parte desses impulsos e a utiliza como defesa contra a outra. O id sofre uma divisão que vem a ser o primeiro passo para a formação de inibições instintivas e do superego. Tal divisão torna-se possível pelo fato de que, tão logo o processo de incorporação se inicie, o objeto incorporado se converte em um agente de defesa contra os impulsos destrutivos que permanecem no interior do organismo.

Desta forma, defrontamo-nos com um quadro no qual Melanie Klein percebe que a angústia suscitada na criança pequena por seus impulsos destrutivos faz com que ela tema seu extermínio por parte de tais impulsos (perigo instintivo interno) ao mesmo tempo que faz com que esses temores recaiam sobre o objeto externo, que passa então a ser considerado como uma fonte de perigo já que para ele serão deslocados todo o medo intolerável que emana dos perigos instintivos. Haverá, pois, uma troca dos perigos internos pelos externos e o ego imaturo procurará defender-se desses últimos destruindo o objeto. Porém, através do teste da realidade, a criança aprende a ver sua mãe como alguém que ora lhe gratifica, ora lhe frustra, e descobre assim o poder que tem o objeto sobre a satisfação de suas necessidades.

Obviamente, o desvio dos impulsos destrutivos para o exterior afetará a relação da criança pequena com seus objetos e dará livre curso ao seu sadismo. De fato, afirma Melanie Klein, o crescente sadismo oral atingirá seu apogeu durante e após o desmame. Encontramos nessa época fantasias em que a criança se apodera do seio da mãe sugando-o e esvaziando-o, e logo em seguida de todo o interior de seu corpo com o desejo predominante de roubar seu conteúdo e posteriormente destruí-lo. Assim, todos os meios de ataques sádicos (sadismo oral, uretral e anal ou muscular) têm por primeiro objeto o seio frustrador da mãe. Logo em seguida, dirigir-se-ão para o interior de

seu corpo.

A fantasia descoberta por Melanie Klein, através da análise de crianças, de que a frustração oral desperta nelas o conhecimento inconsciente dos prazeres sexuais de que gozam os seus pais, e a crença provisória de que esses prazeres são de cunho oral, fêz da inveja oral a força que impele as crianças de ambos os sexos a desejarem penetrar no corpo de sua mãe. Em breve os impulsos destrutivos deixarão de ser dirigidos unicamente contra a genitora para também se estenderem ao pai, pois a criança imagina que o pênis paterno foi incorporado pela mãe durante o coito oral, permanecendo em seu interior. Sendo assim, os ataques contra o corpo materno também são dirigidos ao pênis que ele contém. A intensidade máxima do sadismo da criança estará, pois, centralizada no coito dos pais. Além disso, esses impulsos sádicos contra os pais combinados em cópula levam a criança a esperar de ambos uma punição conjunta.

Segundo Melanie Klein, os primeiros impulsos e fantasias que surgem durante a fase dominada pelo sadismo, ao lado dos desejos orais, uretrais e anais, constituem para crianças de ambos os sexos, os primeiros estádios do conflito edípico, os quais significam o desejo de consumir a união genital com a mãe para destruir o pênis do pai que se encontra no interior do corpo materno. Nesta etapa do desenvolvimento, o conflito não é tão claramente visível. Na medida em que a criança pequena dispõe a essa altura de meios poucos precisos para exprimir as suas emoções "... suas relações com os objetos são ainda vagas e confusas. Uma parte de suas reações aplica-se aos objetos de sua fantasia; é contra estes e, em particular, contra os objetos internalizados que ela dirige a maior parte de sua angústia e de seu ódio, de sorte que sua atitude para com os pais apenas reflete parcialmente as dificuldades que ela encontra em suas relações objetais." (27, pág. 185)

Quanto à formação do superego, para Melanie Klein, os objetos que fo-

ram introjetados na fase oral-sádica (as primeiras catexis de objetos e identificações) assinalam o seu começo. Ou seja, seu núcleo reside na incorporação parcial que se efetua na fase canibal de desenvolvimento. O que origina a sua formação e rege seus primeiros estádios são os impulsos destrutivos e a angústia que despertam.

O fato do indivíduo criar um quadro distorcido de seus objetos em conseqüência de seus impulsos sádicos é encarado por Melanie Klein como não so mente dando uma compleição diferente à influência exercida por esses objetos e às relações de objeto na formação do superego como também aumentando a importância da formação do superego no tocante às relações objetais do indivíduo. Assim, “. . . quando a criança pequena começa a introjetar seus objetos - e não nos esqueçamos que ela os conhece apenas vagamente e sobretudo por seus órgãos separados - seu medo desses objetos introjetados aciona, como já vimos, os mecanismos de ejeção e de projeção. Segue-se então uma ação recíproca entre projeção e introjeção, que parece ser de importância fundamental não somente para a formação do superego, como também para o desenvolvimento das relações objetais com pessoas e para a adaptação à realidade. A constante necessidade de projetar suas terríficas identificações sobre os objetos, parece incrementar o impulso de repetir incessantemente o processo de introjeção, e constitui, portanto, um fator decisivo na evolução de suas relações com os objetos.” (27, pág. 195, 196)

Tendo em conta o que foi apresentado acima, concluímos que, para Melanie Klein, o objeto também aparece como um dos termos do binômio “impulso-objeto”: impulso que busca um objeto e objeto, que por sua vez, ganha coloração estabelecida pelo impulso. Em outros termos, através da introjeção, o objeto colorido pelo impulso se torna agente da constituição das dimensões da realidade interna, ficando quase amorfo e tornando-se apenas a matéria-prima que é moldada pelos impulsos. Isto pode conduzir à uma concepção

solipsista do mundo, onde as condições externas não teriam tanta importância.

Assim, sintetizando, a primeira relação objetal da criança pequena, afirma Melanie Klein, inclui apenas um único objeto, o seio materno que representa a mãe. Mas com o incremento de suas fantasias sádicas ela se apodera, em imaginação, do interior do corpo da mãe o qual passa a representar essa última como um objeto que simboliza tanto o mundo exterior quanto a realidade. Todavia a agressividade e a angústia não são os únicos fundamentos das relações objetais. A libido também se faz presente, de maneira que as relações libidinais com os objetos e a influência exercida pela realidade contrabalançam o medo de inimigos externos e internos.

Portanto, a formação do superego, as relações objetais e a adaptação à realidade resultam da interação entre a projeção dos impulsos sádicos do indivíduo e a introjeção de seus objetos, determinando profundamente o seu desenvolvimento.

Em "As Relações entre a Neurose Obsessiva e os Primeiros Estádios do Superego" (1932) (28) Melanie Klein examina de que maneira a libido e as relações com os objetos reais ocasionam uma modificação das primeiras situações de angústia que assolam o desenvolvimento do indivíduo.

A frustração oral em relação ao seio materno, diz Melanie Klein, conduz a criança pequena à busca de novas fontes de gratificação, a saber, o pai representado pelo seu pênis. Afastando-se, pois, de sua mãe toma o pênis de seu pai como objeto de gratificação. No menino quando o desenvolvimento segue um curso favorável a atitude positiva para com o pênis do pai torna-se a base de boas relações com pessoas do seu próprio sexo permitindo ao mesmo tempo a adoção de uma posição heterossexual. Já na menina ela é necessária à manutenção de seus impulsos heterossexuais. Podemos, nesse caso, esperar o retorno do menino à mãe convertida agora em objeto de amor geni-

tal e uma inclinação da menina pelo pai, o que dá um novo objetivo à gratificação libidinal da criança em função dos órgãos genitais começarem a se fazer presentes.

Para Melanie Klein a emergência dos estádios de organização tais como são conhecidos corresponde a posições conquistadas pela libido em sua luta contra os impulsos destrutivos. Mas como também uma e outros estão simultaneamente unidos e opostos, pode-se dizer que ocorre um ajustamento gradativo entre ambos.

Ao lado das relações com os objetos reais, diz Melanie Klein, a criança pequena mantém, ao que parece, relações com imagos irreais de figuras exageradamente boas e más de modo que “. . . essas duas categorias de relações objetais entremesclam-se, exercendo uma sobre a outra uma influência sempre crescente.” (28, pág. 206)

Referindo-se a Abraham, Melanie Klein afirmou ter ele muito bem ressaltado que a natureza das relações objetais da criança bem como a formação de seu caráter, determinam-se pelo ponto onde se situam suas fixações (se na fase oral de sucção ou na fase oral canibalística), concordando que este evento seja decisivo para a formação do superego. O estabelecimento de uma imago paterna amistosa só é passível à introjeção de uma mãe bondosa devido, evidentemente, à equação seio-pênis. Caso isto ocorra, as tendências sádicas decrescerão em intensidade de maneira que as ameaças do superego reduzir-se-ão em violência, provocando uma modificação nas reações do ego. Inicialmente o medo que o superego e os objetos inspiravam à criança provocavam por parte do ego reações da mesma natureza. Porém quando o ego reage procurando enganar o superego e reduzir a oposição deste ao id, é sinal de que está reconhecendo o seu poder e faz tentativas para entrar em um acordo com ele.

No que concerne ao id, Melanie Klein afirma que agora a conduta do

ego se converte numa conduta de repressão, provocando uma diminuição do ódio dirigido ao objeto. Assim, o incremento dos componentes libidinais e a concomitante diminuição dos componentes destrutivos contribui para moderar as tendências sádicas primárias dirigidas ao objeto. Isto faz com que o ego se torne mais consciente de sofrer represálias por parte do objeto, reconheça seu poder e submeta-se igualmente a um superego severo e às suas interdições, ao que Melanie Klein retruca que a aceitação da realidade externa depende da aceitação da realidade intrapsíquica, já que seu empenho é o de fazer convergirem o superego e o objeto.

Falamos acima que o não reconhecimento das influências externas pode implicar numa concepção solipsista do mundo. Contudo, a maior capacidade de reconhecer os próprios impulsos conduz a uma diferenciação entre a realidade interna e a externa. Ou seja, entendemos que a via indicada por Melanie Klein para ultrapassar o solipsismo vem a ser a possibilidade de conscientização dos impulsos agressivos e amorosos como emanando da própria criança.

O principal método adotado pelo ego para superar a angústia, de acordo com Melanie Klein, consiste em satisfazer tanto aos objetos externos quanto aos internalizados, resguardando a sua segurança, o que pode ser levado a cabo de duas maneiras: ou a criança se afasta do objeto por temê-lo e também para resguardá-lo de seus próprios impulsos sádicos (o que aliás só é eficaz a curto prazo, de vez que não leva a criança ao reconhecimento de seus próprios impulsos) ou volta-se para ele com um maior sentimento positivo. Trata-se de um tipo de relação objetal produzida “. . . pela cisão da imago materna em boa e má. A ambivalência do indivíduo com relação ao seu objeto, além de representar um passo avante no desenvolvimento de suas relações objetais, constitui-se num mecanismo de importância fundamental para superar o medo ao superego. Neste sentido, o superego, após haver sido dirigido para fora, é distribuído por numerosos objetos, sendo que alguns

representam o objeto que foi atacado e que é, portanto, ameaçador, ao passo que outros, notadamente a mãe, significam a pessoa bondosa e protetora.” (28, pág. 208)

À proporção que a criança vai se dirigindo para o estágio genital suas imagos introjetadas tornam-se cada vez mais amistosas, o comportamento do superego se transforma e o domínio da angústia deixa de ser algo tão com plexo. Além do mais, o ego dispõe agora, para enfrentar as admoestações e repressões que substituem as ameaças esmagadoras do superego anterior, de mecanismos reparadores e formações reativas para com seus objetos.

Finalmente, após discorrer sobre os estágios anal e genital, bem como sobre os mecanismos fóbicos e obsessivos, Melanie Klein acentua que as inte rações que ocorrem entre a projeção, a introjeção, a formação do superego e as relações objetais dominam todos os estágios iniciais do desenvolvimento da criança.

Considerando as diversas afecções psiconeuróticas que acometem o indivíduo como métodos patológicos de dominar a angústia, Melanie Klein se propõe a estudar em “O Significado das Primeiras Situações de Angústia no De svolvimento do Ego” (1932)(29) um outro grupo de métodos normais cujo papel para o desenvolvimento do ego é da maior importância.

Assinala ela que a análise de crianças pequenas revelou que ao brincar, estas últimas não só superam a realidade penosa, como que também o brinquedo ajudam-nas a dominar seus impulsos instintivos e perigos internos na medida em que há um deslocamento dos mesmos para o exterior. Ou seja, a projeção “. . . tem o efeito de acentuar a importância dos objetos, pois é em relação a esses objetos que serão agora ativados tanto os impulsos destrutivos como as tendências positivas e reativas. Os objetos convertem-se, assim, num manancial de perigos para a criança, apesar de que quando são sentidos como bons, representem um refúgio contra a angústia.” (29, pág. 239)

O objeto, a nosso ver, está, pois, sendo empregado agora, no sentido de objetivação do subjetivo, o que torna possível a sua melhor administração ou manipulação através de um esforço de motivação para rearranjar o que está abalando a criança.

Além disso, diz Melanie Klein, outras vantagens podem ser atribuídas ao mecanismo de projeção: quando os perigos que ameaçam à criança tornam-se reais e externos ela estará apta a descobrir algo mais sobre os mesmos e a saber se as medidas que foram adotadas contra eles foram ou não bem sucedidas. Este teste de realidade incentiva, pois, o instinto epistemofílico, a superação dos temores, a defesa contra os perigos e a reparação dos objetos.

Igualmente importante vem a ser o mecanismo de introjeção, que interage constantemente com a projeção. Para Melanie Klein a internalização de objetos reais bons possibilita à criança refutar seus temores do mundo exterior, aliviar sua angústia, bem como diminuir seu medo aos objetos introjetados terrificantes e seu sentimento de culpa, fortalecendo sua fixação à mãe e sua necessidade de amor e de proteção.

Numa etapa evolutiva mais adiantada (posição depressiva), ao medo dos objetos perigosos dos primeiros estádios iniciais do desenvolvimento, vem somar-se o medo pelos objetos. Em consequência de seus ataques imaginários contra a genitora, o pequeno ser teme que ela venha a morrer e receia ficar desamparado. Relembrando Freud, Melanie Klein nos diz que a criança pequena ainda não é capaz de distinguir uma ausência temporária de uma perda definitiva, comportando-se, todas as vezes que sua mãe não está presente, como se nunca mais fosse vê-la, necessitando de repetidas experiências para aprender que a uma tal ausência segue-se um retorno seguro.

Em outros termos, é necessária a presença de um objeto real que combata o medo que emana do superego e dos objetos introjetados terrificantes. A medida que as relações objetais com a realidade progredem, assinala Melanie

Klein, a criança utilizará cada vez mais freqüentemente suas relações objetivas e suas sublimações como pontos de apoio contra o medo ao superego e aos impulsos destrutivos.

Ou seja, entendemos que é através da ultrapassagem do solipsismo e de uma maior intimidade com o objeto real que os objetos terríficos perdem a sua monstruosidade.

Sobre o desenvolvimento do ego, salienta Melanie Klein que, até o período de latência, ele se mostra mais fraco, já que sua energia é absorvida pelas pressões advindas do id e pela severidade do superego. Desta forma, ele estará oscilando continuamente entre os objetos introjetados e os objetos reais, entre o mundo da fantasia e o da realidade.

Com o desenvolvimento da libido, o declínio do conflito edípico e a consolidação do superego no período de latência, torna-se possível, segundo Melanie Klein, que o ego mais forte consiga um certo equilíbrio, pois, unido ao superego estabelece um ideal comum, isto é, a sujeição do id e sua adaptação às exigências dos objetos reais e da realidade externa.

A puberdade eclode com a ruptura do equilíbrio anteriormente estabelecido, de vez que as exigências do id aumentam em intensidade tanto quanto a pressão exercida pelo superego. Assim, de acordo com Melanie Klein, um novo preceito é estabelecido entre o ego e o superego. Nesse período da vida o indivíduo prepara-se para desprender-se de seus objetos originais de amor.

Na adolescência o abandono dos objetos originais leva o adolescente a desprender-se das pessoas e a substituí-las por outros objetos, menos pessoais e mais abstratos (princípios e idéias). O ego e o superego, ressalta Melanie Klein, trabalham em conjunto para a criação de preceitos adultos, o que faz com que o indivíduo consiga depender menos de seu ambiente imediato e passe a se adaptar a um mundo mais vasto, cujas exigências reconhece, porém como algo que corresponde aos seus próprios valores internos, em vez de

lhe haverem sido impostos por seus objetos. Este novo equilíbrio situa-se sobre a aceitação de uma nova realidade e a participação de um ego mais vigoroso.

Em "Os Efeitos das Primeiras Situações de Angústia sobre o Desenvolvimento Sexual da Menina", (1932)(30) ensaio que constitui, a nosso ver, uma espécie de condensação das idéias apresentadas em seu trabalhos anteriores, Melanie Klein estudou a angústia, os primeiros estádios do conflito edípico, a onipotência dos excrementos, as primeiras relações com a mãe, o papel da vagina, o complexo de castração, a reparação, os fatores externos, a puberdade, as relações com os filhos e o desenvolvimento do ego.

Também foi apresentada a concepção de que a evolução psíquica da criança é moldada, por um lado, pela interação das primeiras fantasias e da vida instintiva, e por outro, pela influência da realidade. Esta última, bem como os objetos reais, afetam as situações de angústia desde a mais tenra infância e a criança considera os objetos como provas ou refutações de suas angústias, deslocadas por ela para o exterior.

Os mecanismos de projeção e introjeção em constante interação são novamente abordados e Melanie Klein assegura que os fatores externos influenciam a situação do superego, a maturação dos instintos e das relações objetais tanto quanto o desenvolvimento sexual.

Assim, dependendo das primeiras situações de angústia, diz Melanie Klein, os mesmos eventos podem vir a ter diferentes efeitos em diferentes crianças. Todavia, não há a menor sombra de dúvida de que a existência de relações felizes e harmoniosas entre o pai e a mãe, bem como entre estes e as crianças é imprescindível para o desenvolvimento sexual satisfatório, para as boas relações objetais e para a harmonia com o mundo externo.

"Os Efeitos das Primeiras Situações de Angústia sobre o Desenvolvimento Sexual do Menino", (1932)(31) também se constitui numa espécie de síntese

das idéias kleinianas surgidas em trabalhos anteriores. Neste texto Melanie Klein abordou a fase feminina, os primeiros estádios do conflito edípico, a angústia, a onipotência sádica do pênis, os incentivos à atividade sexual, a fantasia da mulher com pênis, os estágios ulteriores do conflito edípico, a reparação, o significado da fase feminina na heterossexualidade, as perturbações do desenvolvimento sexual e a adoção da homossexualidade, além de ter apresentado fragmentos da análise de dois indivíduos adultos portadores de distúrbios sexuais.

Já vimos que a frustração oral retira o menino da fixação oral de sucção ao seio da mãe, conduzindo-o para uma fixação oral de sucção ao pênis do pai. Segundo Melanie Klein, identificando-se com a mãe, o menino assume uma posição oral e feminina. Posteriormente, sobre a influência crescente dos impulsos genitais, a identificação com a genitora é abandonada em prol da concentração da onipotência no pênis, consolidando, desta forma, sua posição masculina.

Ou seja, sobre a supremacia do estágio genital, as fantasias de separação e o sentimento de culpa concorrem para transformar o pênis paterno, imaginariamente, em algo bom e benéfico. O medo do mau superego derivado do pai se atenua e o menino pode renunciar à identificação com o mau pai em suas relações com os objetos reais e identificar-se mais intensamente com o bom pai. Se seu ego for capaz de tolerar e modificar uma certa quantidade de sentimentos destrutivos contra o genitor e se for suficientemente forte na crença do bom pênis paterno, ele pode manter tanto a rivalidade com o pai, necessária ao estabelecimento de uma posição heterossexual, quanto sua identificação com ele.

3.2 - Trabalhos de 1933 a 1945

Em "O Desenvolvimento Inicial da Consciência na Criança", (1933) (32)

Melanie Klein ressalta que uma das principais contribuições psicanalíticas foi a descoberta dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento da consciência no indivíduo e reestuda o desenvolvimento do superego.

De acordo com Freud, segundo Melanie Klein, a consciência de uma pessoa vem a ser um precipitado ou uma expressão de suas primeiras relações com os pais, os quais, introjetados, transformam-se numa parte diferenciada de seu ego, a saber, o superego, cujo funcionamento não é somente o que se entende por consciência, exercendo ainda uma influência inconsciente tanto no desenvolvimento da personalidade normal como na enfermidade mental.

A análise de crianças pequenas permitiu a Melanie Klein a descoberta de que, na verdade, o superego já se encontra em plena atividade em crianças de até dois anos e nove meses, contrariamente a Freud que supunha que ele não começava a funcionar a não ser após o desaparecimento do complexo de Édipo. Além disso, ela também constatou que este primeiro superego é extremamente rigoroso e cruel e esmaga o ego ainda frágil da criança pequena. Deste modo, concluiu que, em primeiro lugar, o superego infantil não coincide com o quadro apresentado por seus pais reais, sendo criado por quadros imaginários que a criança incorporou em si; e, em segundo lugar, o temor aos objetos reais baseia-se nos objetos que são reais em si mesmo, mas que contemplados fantasticamente devido à influência do superego.

Perguntando-se como seria formada na criança uma imagem tão fantástica de seus pais, tão afastada da realidade, Melanie Klein afirma que, uma vez mais, a análise de crianças pôs a descoberto uma grande quantidade de impulsos agressivos recalçados e lembra-nos que Freud nos disse que nos primórdios da vida do organismo, o impulso de agressão (instinto de morte) é contido pela libido (instinto de vida), os quais fundidos dão origem ao sadismo. Todavia, para não ser destruído pelo primeiro o organismo emprega sua libido narcísica para expulsá-lo e dirigí-lo contra seus objetos.

Paralelamente a esse desvio dos impulsos agressivos para fora, contra os objetos, Melanie Klein acrescenta que também ocorre uma reação intrapsíquica contra a agressividade que não pôde ser exteriorizada. O perigo de ser destruído por tais impulsos, continua ela, provoca uma excessiva tensão no ego que é sentida como ansiedade, de maneira que já existe praticamente desde o início do desenvolvimento a tarefa de mobilizar a libido contra essas forças destrutivas. Entretanto, como igualmente aquela e estas encontram-se fundidas, semelhante tarefa é levada a cabo de modo imperfeito, provocando no id uma divisão segundo a qual uma parte dos impulsos destrutivos é dirigida contra a outra.

Assim, para Melanie Klein, essa medida de defesa por parte do ego constitui-se na pedra fundamental do superego, cuja violência exacerbada se explicaria pelo fato de que se trata de um produto de intensos impulsos destrutivos ao lado, evidentemente, de impulsos libidinais. Torna-se, pois, claro, porque a criança forma imagens monstruosas e fantásticas de seus pais, já que “. . . sua ansiedade surge dos seus instintos agressivos, como temor a um objeto externo, tanto porque fez desse objeto o seu principal objeto, como porque os projetou sobre ele, de tal forma que parecem iniciar-se contra ele mesmo, partindo desse terreno.” (32, pág. 338)

Ou seja, a criança, afirma Melanie Klein, desloca para fora a fonte de suas ansiedades e converte seus objetos em objetos perigosos. Esse perigo pertence aos seus próprios impulsos agressivos e o seu temor para com os objetos será proporcional ao grau de seu sadismo e também às fantasias que alimenta a respeito de seu ambiente.

Como já dissemos antes, Melanie Klein transcende o risco do solipsismo a que outras formulações poderiam conduzir ao salientar que a criança pequena tem a possibilidade de reconhecer como seus, os impulsos agressivos. Isto pode ser enormemente favorecido pela “realidade” de um objeto sufi-

cientemente bom. Assim, ao atacar a mãe e se dando conta de que não houve revide, ela acaba reconhecendo a sua própria agressividade. Ou seja, percebe que tem raiva da mãe e que esta última não é ruim.

Portanto, para Melanie Klein, “. . . a formação do superego começa ao mesmo tempo em que a criança efetiva a primeira introjeção oral de seus objetos. Uma vez que as primeiras ímagos que assim forma, são dotadas de todos os atributos do intenso sadismo correspondente a esse estágio do seu desenvolvimento, e uma vez que serão projetadas uma vez mais sobre objetos do mundo exterior, a criancinha é dominada pelo temor de sofrer ataques inimaginavelmente cruéis, tanto dos seus objetos reais, como de seu superego. Sua ansiedade serve para aumentar seus impulsos sádicos, ao impeli-la a destruir os referidos objetos hostis a fim de escapar de suas investidas.” (32, pág. 339)

Assim, no curso do desenvolvimento normal, quando surge a etapa genital, os impulsos sádicos da criança já foram normalmente superados e suas relações com os objetos adquiriram um caráter positivo, surgindo imagos benéficas e úteis, baseadas nas fixações na etapa oral de sucção em uma mãe bondosa, e que se aproximam mais realisticamente dos objetos reais.

Neste caso, pensamos, o objeto foi utilizado como uma espécie de veículo de alívio.

Quanto ao superego, antes força despótica e ameaçadora, que emitia ordens insensatas que o ego era totalmente incapaz de cumprir, começa agora a exercer uma regra mais suave. Como assinala Melanie Klein, “. . . quando diminuir o sadismo da criança, e aumentarem as funções e o caráter do superego, provocando menos ansiedade e mais sentimento de culpa, serão ativados os mecanismos defensivos que formam a base de uma atitude moral e ética e a criança começará a sentir apreço para seus objetos e responder aos sentimentos sociais.” (32, pág. 340, 341)

Voltando a falar no superego em "Sobre a Criminalidade", (1934)(33) Melanie Klein assegura que nos casos em que sua função é principalmente provocar ansiedade, ele evocará violentos mecanismos de defesa no ego tanto antiéticos quanto associais. Porém, o caráter e o funcionamento do superego modificar-se-ão de tal modo, que ele passará a provocar menos angústia e um maior sentimento de culpa, ativando mecanismos defensivos que serão responsáveis pela base da atitude moral e ética. Isto permite à criança ter consideração por seus objetos e possuir sentimentos sociais.

Ou seja, entendemos que o objeto é o lugar comum onde se desenvolve o zelo que é a raiz de toda formulação moral e ética. A verdadeira moral é o reconhecimento da importância do outro, e não o moralismo. O objeto surge, pois, aqui, como via de socialização.

"Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos" (1934)(34) constitui-se num dos mais importantes ensaios de Melanie Klein, e nele notamos que seu pensamento começa a articular os diversos achados de trabalhos anteriores, procurando constituir um todo. Estudando as relações objetais, postulou ela a existência de dois tipos fundamentais de ansiedade-paranóide¹⁰ e depressiva - bem como a de defesa maníaca.¹¹ Ou seja, procurou estabelecer as diferenças entre o conteúdo da ansiedade, os sentimentos e defesas em ação na paranóia e os que atuam no estado depressivo, tendo também algumas considerações a respeito da mania.

Ao referir-se à criança pequena, Melanie Klein afirmou que sua evolução é governada pelos mecanismos de projeção e introjeção, tanto que praticamente a partir do "... começo o ego introjeta objetos "bons" e "maus" sendo o seio da mãe o protótipo de ambos. . ." (34, pág. 355). Como já res

10 A posição paranóide aparece timidamente neste trabalho de Melanie Klein. Posteriormente será mais detalhada e desenvolvida.

11 Na verdade, neste ensaio a autora fala em posição maníaca. Em trabalhos ulteriores passará a falar em defesa maníaca.

saltamos anteriormente isto se deve a que o bebê projeta sua própria agressão sobre esses objetos que sentem serem maus e não somente porque frustram os seus desejos, concebendo-os como realmente perigosos. Assim, tais imagens que são um quadro fantasticamente deformado dos objetos reais sobre os quais se baseiam, são instaladas pelo bebê não só no mundo exterior, mas também dentro do ego pelo processo de incorporação.

Descrevendo anteriormente as ansiedades psicóticas e os mecanismos de defesa da criança utilizando a expressão “fases do desenvolvimento”, Melanie Klein, recorre, daqui em diante, para tal, ao termo “posição”. Já que no desenvolvimento normal as ansiedades e os mecanismos psicóticos nunca predominam isolados, a utilização de “fases psicóticas” torna-se insatisfatória, de modo que “posição” passa a ser utilizado no tocante às primeiras ansiedades e defesas psicóticas no desenvolvimento infantil. Ou seja, trata-se de um agrupamento específico de ansiedades, sentimentos, relações objetais e mecanismos de defesa.

Na posição paranóide,¹² que segundo Melanie Klein ocupa os três a quatro primeiros meses de vida, a ansiedade predominante é do tipo paranóide (medo por parte do ego de perseguidores internos e externos) e as relações objetais são estritamente parciais, isto é, os primeiros objetos são partes do mundo real, especialmente o seio da mãe, que adquire, conforme já afirmamos, o caráter de bom ou mau. São utilizados como mecanismos básicos de defesa a cisão ou divisão, a negação, a projeção e a introjeção. Igualmente importantes são os fatores externos já que uma boa relação com a mãe e o mundo externo ajudará a criança a vencer suas primeiras ansiedades paranóides instalando dentro de si o objeto amado.

A partir da segunda metade do primeiro ano, logo após a posição para-

12 Posteriormente, tomando conhecimento dos trabalhos de Fairbairn, Melanie Klein passou a chamar essa posição de esquizo-paranóide.

nóide, diz Melanie Klein, surge a posição depressiva, considerada como o ponto central do desenvolvimento infantil. Neste momento, afirma ela, o bebê se defronta com uma ansiedade do tipo depressivo. (perda do objeto amado) e suas relações objetais passam de parciais a totais. Quer isto dizer que os objetos são percebidos como um todo. Por exemplo, a mãe que frustra é também a que gratifica. Os mecanismos de defesa mais utilizados são a cisão, a introjeção, a reparação e a sublimação.

O desenvolvimento normal depende de como o ego elabora essa etapa, sendo de importância fundamental a identificação com bons objetos, tanto internos quanto reais. O fracasso deste empreendimento pode provocar graves distúrbios psicóticos, salienta Melanie Klein, tais como estados depressivos, mania ou paranóia.

Também faz parte deste ensaio a chamada, inicialmente, posição maníaca.¹³ Nela, utilizando defesas tais como a negação, a hiperatividade e a onipotência, visando sobretudo a dominar e controlar os objetos introjetados, especialmente a mãe e os pais combinados em coito, o ego procura refúgio tanto da depressão quanto de uma situação paranóide de que não pode dar conta.

“Amor, Culpa e Reparação” (1937)(35) trata de oferecer uma imagem das poderosas forças do amor e da tendência à reparação. Ou seja, Melanie Klein apresenta as diferentes maneiras como os sentimentos de amor e as tendências à reparação se desenvolvem em conexão com os impulsos agressivos e a despeito deles.

No que concerne à situação emocional do bebê, afirma Melanie Klein, seu primeiro objeto de amor e ódio - sua mãe - é igualmente desejado tanto

13 A ausência de uma angústia específica fez com que Melanie Klein deixasse de incluir a posição maníaca na lista das posições, referindo-se a ela, como defesas maníacas. Estas farão parte tanto da posição esquizo-paranóide quanto da posição depressiva.

quanto odiado. Assim, a genitora é amada na medida em que satisfaz necessidades de alimento, mas quando o bebê sente fome e seus desejos não são gratificados, assim como quando sente algum desconforto físico ou alguma dor, o ódio e os sentimentos agressivos exacerbados, levam-no a destruir a pessoa que é objeto de todos os seus desejos e que, em sua mente, está relacionada a tudo o que de bom e mau ele experimenta.

Em outros termos, como nos assegura Melanie Klein, o bebê, para quem a mãe é antes de tudo um objeto que satisfaz a todos os seus desejos (seio bom), começa em breve a corresponder a essas gratificações e aos seus cuidados através de sentimentos de amor dirigidos para ela. Todavia, essa primeira emoção já se encontra perturbada por impulsos destrutivos, de modo que amor e ódio lutam entre si na mente do bebê, e persistem até certo ponto, durante toda a vida, podendo tornar-se uma fonte de perigos nos relacionamentos cotidianos.

Simultaneamente, diz Melanie Klein, os impulsos e sentimentos do bebê são acompanhados por uma espécie de atividade mental que parece ser a mais primitiva de todas: a elaboração de fantasias. Desta forma, sentindo-se frustrado pelo seio, em suas fantasias o bebê o ataca; entretanto, se estiver sendo gratificado, ama-o e tem para com ele fantasias de natureza agradável. Porém, com relação às primeiras, o bebê sente que aquilo que deseja em suas fantasias já se realizou, o que significa que ele realmente imagina ter danificado o objeto de seus impulsos destrutivos, fato esse que o levará a encontrar apoio em fantasias onipotentes do tipo restaurador, as quais, por sua vez, desempenham um papel fundamental no amor e em todos os relacionamentos humanos. Isso não chega a dissipar totalmente os receios de haver destruído o objeto que acima de todos é o que o bebê mais ama e de que mais necessita, de maneira que intensos sentimentos de culpa, pelos danos infligidos ao objeto amado, passam a povoar a vida mental do pequeno ser, pondo

em marcha as tendências reparadoras.

Dissemos, anteriormente, que a verdadeira moral é a preocupação com o outro, o reconhecimento de sua importância. Isto porém, só se torna possível, quando as tendências reparadoras entram em cena.

No curso de "O Luto e suas Relações com os Estados Maníaco-Depressivos" (1940)(36) Melanie Klein procurou dar uma contribuição para um melhor entendimento da conexão entre o luto normal, por um lado, e o luto anormal e os estados maníaco-depressivos, por outro.

Os sentimentos depressivos chegam ao seu ponto culminante imediatamente antes, durante e depois do desmame, ou seja, na posição depressiva, e para Melanie Klein, o objeto do luto é o seio da mãe, pois a criança sente que o perdeu em consequência de sua incontrolável voracidade e de suas fantasias e impulsos destrutivos. Além disso, tão logo a situação edipiana se instale, outras dificuldades relacionadas com essa perda iminente, agora de ambos os pais, surgirão, de modo que o círculo de objetos amados que são atacados na fantasia e cuja perda é, portanto, temida, amplia-se devido à relação ambivalente da criança para com seus irmãos e irmãs.

Juntamente com a relação da criança com as pessoas reais, afirma Melanie Klein, produz-se um processo de interiorização (incorporação dos pais), o qual edifica um mundo interno na mente consciente infantil, havendo uma interação constante entre as ansiedades relacionadas com os objetos internos e externos, tanto que estes últimos quando são introjetados são influenciados por fantasias e experiências internas de toda espécie.

Para Melanie Klein, todas as alegrias que a criança goza com sua mãe real constituem provas de que o objeto amado, interno e externo, não foi danificado e nem será transformado em uma pessoa vingativa e cruel. Se, por um lado, o aumento do amor e da confiança com a diminuição dos temores, através de experiências felizes, minimizam a depressão tanto quanto o sentimen-

to de perda (luto), ajudando o pequeno ser a testar sua realidade interior por meio da realidade externa, por outro, as experiências desagradáveis aumentam a ambivalência, diminuem a esperança e confirmam as ansiedades sobre a aniquilação interna e a perseguição externa.

Uma boa relação com as pessoas em geral, segundo Melanie Klein, depende do êxito conseguido na luta contra o caos interior (posição depressiva) e do estabelecimento de bons objetos internos. Mas por que métodos e mecanismos consegue a criança esta evolução? Já sabemos que os processos de projeção e introjeção, dominados pela agressividade, conduzem a temores relacionados com a perseguição de objetos terríficos e aos quais se acrescentam os da perda do objeto amado pelos objetos maus e pelo id.

Haverá, portanto, afirma Melanie Klein, dois conjuntos de medos, sentimentos e defesas que, apesar de estarem intimamente ligados, para fins de clareza teórica, podem ser isolados uns dos outros. Os sentimentos e fantasias do primeiro conjunto são de natureza persecutória e dizem respeito a temores relacionados com a destruição do ego por perseguidores internos. A defesa contra tais temores é a destruição dos perseguidores por métodos secretos e violentos. Os sentimentos de pena e preocupação pelos objetos amados, temores de perdê-los e ânsia ou anelo de reconquistá-los, se incluem no segundo conjunto e conduzem à posição depressiva, a qual engloba a perseguição pelos objetos maus com as defesas características contra ela e também o anelo pelo objeto amado.

Ao longo do desenvolvimento normal, como assinala Melanie Klein, ocorrem flutuações entre a posição depressiva e a maníaca (defesas maníacas). Assim, o ego, conduzido por ansiedades depressivas (medo de que tanto ele como os objetos amados sejam destruídos) constrói violentas fantasias com o propósito de controlar e dominar os objetos maus e também para salvar e restaurar os objetos amados. A saber, a onipotência, a idealização e a negação

levam o ego primitivo a afirmar-se, em certo grau, contra a dependência perigosa e escravizadora dos seus objetos amados e a um maior progresso em seu desenvolvimento. Quando essas fantasias maníacas malogram o ego é levado, alternada ou simultaneamente, a combater os temores de desintegração mediante tentativas de reparação realizadas obsessivamente.

Como Melanie Klein afirmou, o próprio fato de que as defesas maníacas operem em íntima conexão com as obsessivas contribui ao temor do ego de que as tentativas de reparação por mecanismos obsessivos também fracassem, de maneira que a necessidade de controlar o objeto, a satisfação sádica de vencê-lo, de humilhá-lo e dominá-lo, enfim o triunfo sobre ele, podem entrar tão intensamente no ato de reparação que o círculo benigno iniciado por este ato fatalmente será rompido. Desta forma, os objetos que devem ser restaurados, se transformam em perseguidores e revivem os temores paranóides. Estes, por sua vez, reforçam os mecanismos de defesa paranóides de destruir o objeto tanto quanto os mecanismos maníacos de controlá-los e mantê-los em ação suspensa. A reparação será, pois, perturbada e o ego deverá recorrer repetidamente a mecanismos de defesa obsessivos e maníacos.

A pena pela perda real da pessoa amada, diz Melanie Klein, é em grande parte incrementada pelas fantasias inconscientes de ter perdido também os bons objetos internos, a ponto do indivíduo sentir que predominam seus objetos internos maus e que seu mundo interno mau está em perigo de romper-se. Assim, a perda de uma pessoa amada leva o indivíduo enlutado a reinstalar no ego este objeto amado perdido. Mas ao lado de uma tal reincorporação, os objetos bons interiorizados também são reinstalados. Em última instância, os pais amados, os quais se tornaram parte do mundo interno desde as fases mais precoces do desenvolvimento. Da mesma maneira que a criança, passando pela posição depressiva, luta em seu inconsciente com a tarefa de estabelecer e integrar o mundo interno, o sujeito enlutado sofre a pena de

restabelecer e reintegrar esse mesmo mundo. Porém, o maior perigo com o qual se defronta, provém da reversão contra si mesmo, do ódio que nutria para com a pessoa amada perdida, que pode ser expresso nos sentimentos de triunfo sobre a pessoa morta. Só gradualmente, ao ganhar confiança nos objetos externos e nos valores de várias espécies é que o sujeito enlutado é capaz de fortalecer sua crença na pessoa amada e perdida, podendo, assim, aceitar a imperfeição do objeto, conservar a fé nele e não temer a sua vingança. Caso isto se realize, estará sendo dado um importante passo no trabalho do luto e na sua superação, já que cada avanço nesse processo tem por resultado um aprofundamento da relação do indivíduo com seus objetos internos, a felicidade de reconquistá-los depois de tê-los perdido e uma maior confiança e amor por eles.

Em outros termos, entendemos que se o indivíduo exige o máximo de perfeição por parte de seus pais, suas deficiências vão ser vivenciadas como uma espécie de retaliação. Repudiando-os e não podendo dispor deles dentro de si, empobrece-se. Mas se os aceita em suas imperfeições, internaliza o que de bom eles lhe deram, prosseguindo em seu desenvolvimento. Ou seja, o objeto aparece aqui como aquilo em que se manifestam as atitudes predominantes que vão configurá-lo, para que ele se constitua num alicerce da realidade interna, em função da maneira como o luto é elaborado. Trata-se, pois, do objeto do luto.

Finalizando este ensaio, conclui Melanie Klein que a diferença entre o luto normal, por um lado, e o luto patológico e os estados maníaco-depressivos, por outro, é que “. . . os enfermos maníaco-depressivos e os sujeitos que fracassam na elaboração do luto - embora suas defesas possam diferir amplamente umas das outras - têm em comum o fato de não terem sido capazes, em sua primeira infância, de estabelecer objetos "bons" internos e de sentir-se em segurança em seu mundo interno. Realmente nunca superaram a

posição depressiva infantil. No luto normal, contudo, a posição depressiva inicial, que o indivíduo reviveu com a perda do objeto amado, modifica-se uma vez mais e é sobrepujada por métodos similares aos que ele usou na infância. O indivíduo reinstala dentro de si seus objetos de amor perdidos e, ao mesmo tempo, seus primeiros objetos amados - em última instância os seus "bons" pais -, os quais, quando ocorreu a perda real, sentiu também o perigo de perder. Quando o sujeito enlutado reinstala dentro de si os pais "bons" e as pessoas recentemente perdidas e reconstrói seu mundo interno, que estivera desintegrado e em perigo, pode superar sua aflição, ganha nova segurança e consegue a harmonia e a paz verdadeiras." (36, pág. 423, 424)

Gostaríamos de ressaltar que não é por acaso que o tema deste ensaio é o Luto. A Segunda Grande Guerra havia começado aproximadamente há um ano atrás, e durante a mesma não tivemos conhecimento de nenhuma publicação de Melanie Klein.

Em "O Complexo de Édipo à Luz das Primeiras Ansiedades" (1945)(37) Melanie Klein aborda algumas situações típicas de ansiedade inicial, mostrando a sua conexão com o complexo de Édipo, e compara suas conclusões sobre este último com as opiniões de Freud. Para tal utiliza fragmentos da análise de duas crianças de quem tratou.

Repetindo basicamente o que disse a respeito do complexo edípico em alguns de seus trabalhos anteriores, Melanie Klein chega à conclusão de que a evolução sexual da criança está intimamente relacionada com suas relações de objeto e com certas emoções que, praticamente desde os primórdios, moldam sua atitude para com seus genitores. A ansiedade, a culpa e os sentimentos depressivos são elementos intrínsecos à vida emocional do pequeno ser, razão pela qual penetram nas primeiras relações da criança com seus objetos, tanto as relações com pessoas reais como com seus representantes no mundo interno. A partir de tais figuras introjetadas (identificações feitas

pela criança), desenvolve-se o superego, o qual, por sua vez, influi na relação com ambos os genitores e em todo o desenvolvimento sexual. Desta forma, “. . . o desenvolvimento emocional e sexual, as relações de objeto e a evolução do superego atuam uns sobre os outros desde o início.” (37, pág. 488, 489)

3.3 - Trabalhos Posteriores a 1945

“Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides” (1946)(38) versa sobre a importância das primitivas ansiedades e mecanismos paranóides e esquizóides. Trata-se de um ensaio onde Melanie Klein afirma que as ansiedades psicóticas, mecanismos e defesas do ego, na infância, são decisivas tanto para o desenvolvimento deste último quanto do superego e das relações objetais, e retoma as duas posições fundamentais que postulou alguns anos antes, ampliando ainda mais a posição paranóide. Ou melhor, nesta época, posição esquizo-paranóide, por influência de Fairbairn, conforme ressaltamos anteriormente.

Segundo Melanie Klein, sabe-se muito pouco até o presente momento a respeito da estrutura do ego primitivo. Se por um lado o conceito de núcleos do ego proposto por Glover, bem como a teoria de um ego central e dois egos subsidiários, de Fairbairn, não a convenceram, por outro, o destaque conferido por Winnicott à não integração do ego inicial, muito lhe agradeu. Diz ela, baseada em sua experiência clínica, que o ego primitivo é pouco coeso e também alterna tendências para a integração com tendências para a desintegração (fragmentação em uma série de parcelas). Além disso, algumas das funções que conhecemos, como fazendo parte de um ego mais avançado, já existem desde o princípio, sobretudo a de dominar a ansiedade, a qual resulta basicamente de três fontes: da atividade dos impulsos destrutivos den

tro do organismo, sentida como medo de aniquilamento e assumindo a forma de medo de perseguição por ligar-se imediatamente a um objeto; do trauma do nascimento, sob a forma de ansiedade da separação; e das frustrações das necessidades corporais. Tais experiências são sentidas “. . . como se os objetos as tivessem causado. Mesmo que esses objetos sejam considerados externos, através da introjeção acabam sendo perseguidores internos e, assim, reforçam o medo do impulso destrutivo interno.” (38, pág. 318)

Os impulsos destrutivos, parcialmente projetados no exterior, vinculam-se a um primeiro objeto externo, o seio da mãe, e a porção remanescente dos mesmos aglutina-se à libido dentro do organismo. Para Melanie Klein, como nenhum desses processos atinge inteiramente seus propósitos, a ansiedade de ser destruído interiormente continua a atuar, o que faz com que o ego tenda a fragmentar-se numa tentativa de dominar a ansiedade. Pode também lançar mão de outros mecanismos e defesas fundamentais, como, por exemplo, a projeção, a introjeção, a idealização, a negação, a onipotência, etc.

De vez que os estados de frustração e ansiedade, diz Melanie Klein, reforçam os impulsos sádico-orais e canibalescos, fazendo com que o bebê imagine que incorporou o mamilo e o reduziu a pedaços,¹⁴ além da divisão entre um seio bom e um seio mau, a criança pequena também sente que o seio gratificador, submetido ao domínio da libido concentrada na sucção, continua completo, de maneira que “. . . Esse primeiro bom objeto interno atua como um ponto focal no ego. Compensa os processos de divisão e dispersão, fomenta a coesão e integração e serve de instrumento na formação do ego.” (38, pág. 319)

14 Também não é por acaso, pensamos, que Melanie Klein tivesse escrito este ensaio pouco depois do término da Segunda Grande Guerra. Não nos esqueçamos que ela era judia austríaca, e que estando radicada na Inglaterra, viu Londres ser bombardeada pelos alemães (“reduzida a pedaços”), o que em parte, parece explicar, neste momento, o seu interesse mais minucioso pelo estudo do desenvolvimento das ansiedades persecutórias.

Em outros termos, Melanie Klein considera que a divisão do objeto é concomitante a uma divisão dentro do próprio ego, de modo que as fantasias e sentimentos sobre o estado do objeto interno influenciam a estrutura do ego, pois quanto mais intenso for o sadismo no processo de incorporação do objeto e quanto mais este último é sentido como estando em pedaços, tanto mais estará o ego em perigo de ser dividido.

Assim, a divisão parece ser uma das mais primitivas defesas do ego contra a ansiedade. Da mesma forma, salienta Melanie Klein, a projeção e a introjeção, as quais têm origem a partir do desvio dos impulsos destrutivos para o exterior, também ajudam o ego a se livrar do perigo e da maldade, posto que praticamente atuam desde o nascimento.

Como ressaltamos anteriormente, as agressões contra o seio materno em breve convertem-se em ataques contra o corpo da mãe. Estando o sadismo incrementado, o bebê manifesta um impulso predominantemente oral para sugar, morder e esvaziar o corpo materno de todo o seu bom conteúdo, ao mesmo tempo que, por conta dos impulsos anais e uretrais, substâncias venenosas (excrementos) serão expelidas e introduzidas na mãe. Juntamente com estas últimas, as partes destacadas do ego também serão projetadas e, para Melanie Klein, “. . . têm o intuito não só de causar dano mas também controlar e tomar posse do objeto.” (38, pág. 322) Desta forma, muito do ódio contra partes do eu é agora dirigido para a mãe, conduzindo assim à chamada identificação projetiva, forma particular de identificação que estabelece, nesse caso, o protótipo de uma relação objetal agressiva. Contudo, partes boas do eu também são expelidas e projetadas. Isto ocorre quando o excremento tem o significado de ofertas e as partes do ego representam coisas boas, ou seja, partes amorosas do eu. A identificação baseada nesse tipo de projeção também vem a ser da maior importância para as relações objetais, tanto quanto para a integração do ego.

Quanto à introjeção, Melanie Klein considera que seus efeitos são igualmente importantes para as relações de objeto, já que a internalização do bom objeto (seio bom) é uma pré-condição para a boa evolução da criança.

No que diz respeito à personalidade normal, Melanie Klein sustenta que o curso do desenvolvimento do ego e das relações objetais depende do grau em que pode ser atingido um equilíbrio ótimo entre a projeção e a introjeção nos estágios iniciais do desenvolvimento.

A nosso ver, é o tratamento que a criança dá ao objeto que constitui seu próprio ego. Portanto, o objeto vem sendo agora utilizado no sentido de veículo de constituição do próprio ego.

Uma característica da primitiva relação com um bom objeto (interno e externo) é a tendência para idealizá-lo. Em casos de extrema frustração ou elevada ansiedade, afirma Melanie Klein, a criança tende a se voltar para seu idealizado objeto interno com o intuito de poder escapar a seus perseguidores. Quanto mais intenso for o medo persecutório, mais intensa é a evasão para o objeto interno idealizado, o que perturbará o desenvolvimento do ego (nesta situação, inteiramente subordinado e dependente do objeto interno), e as relações objetais.

Conforme assinala Melanie Klein, a negação da realidade psíquica só se torna possível através de intensos sentimentos de onipotência. A negação onipotente da existência do mau objeto e da situação dolorosa é, no inconsciente, igual ao aniquilamento pelo impulso destrutivo, pois “ . . . não é apenas uma situação e um objeto que são negados e aniquilados - é uma relação objetal que sofre esse destino; e, por conseguinte, uma parte do ego, da qual emanam os sentimentos para com o objeto, é também negada e aniquilada.” (38, pág. 321)

Finalizando, para Melanie Klein nas relações objetais que se encontram nas personalidades esquizóides há um predomínio dos mecanismos acima

relacionados. Isto impossibilita a experiência de sentimentos depressivos que têm o efeito de provocar a integração do ego, visto que facilita uma compreensão crescente da realidade psíquica, uma melhor percepção do mundo externo, bem como uma síntese mais precisa entre as situações interna e externa. Ou seja, a posição depressiva não se estabelece, não sendo, portanto, elaborada.

Em "Sobre a Teoria da Ansiedade e Culpa" (1948)(39) Melanie Klein apresenta suas conclusões sobre a ansiedade e a culpa, as quais se originaram a partir das concepções de Freud e Abraham.

Tendo em conta a experiência acumulada na análise de crianças pequenas, Melanie Klein, referindo-se à ansiedade, formulou a hipótese de que ela é suscitada pelo perigo que ameaça o organismo decorrente dos impulsos destrutivos (medo de aniquilamento) e sugeriu ser essa a sua causa primária. Como a luta entre a agressividade e a libido persiste ao longo de toda a vida, a ansiedade nunca será totalmente eliminada, constituindo-se, assim, numa espécie de fator perpétuo. Estabelece-se, portanto, um quadro onde paralelamente ao desvio dos impulsos agressivos para fora, a libido prende-se ao objeto externo, o seio gratificador, o qual, por sua vez, se converte em seu representante externo. A introjeção desse bom objeto reforça o poder interno da libido, de maneira que, de fato internalizado, ele é sentido como fonte de vida, já que forma uma parte vital do ego.

Já nos reportamos às duas formas principais de ansiedade, persecutória e depressiva, postuladas por Melanie Klein. A primeira relaciona-se com o aniquilamento do ego, e a segunda está, sobretudo, ligada ao dano causado aos objetos amados, internos e externos, pelos impulsos destrutivos, encontrando-se vinculada à culpa e à tendência para fazer reparações. Todavia, se inicialmente para Melanie Klein a ansiedade depressiva e a culpa nasciam da introjeção de um objeto como um todo, seus trabalhos sobre a posição es-

quizo-paranóide levaram-na a concluir que, se bem que nesse estágio haja um maior predomínio de impulsos destrutivos e ansiedade persecutória, “... a ansiedade depressiva e a culpa já desempenham um certo papel nas primitivas relações objetais da criança, isto é, na sua relação inicial com o seio materno.” (39, pág. 302) Portanto, desde o começo da vida o ego tende a integrar-se e a sintetizar os diferentes aspectos do objeto, e nesses estados de integração verifica-se uma certa medida de síntese entre amor e ódio em relação aos objetos parciais.

Para Melanie Klein, a modificação de suas concepções sobre o início, mais cedo, da ansiedade e culpa depressivas não altera os aspectos essenciais da posição depressiva. A base da ansiedade depressiva continua sendo o processo pelo qual o ego sintetiza os impulsos destrutivos e os sentimentos de amor para com um objeto, e a crença de que os danos inflingidos ao objeto amado são causados pelos impulsos agressivos do sujeito, constitui a essência da culpa. Ou seja, a necessidade imperiosa de reparar tais danos advém do sentimento de que foi o sujeito quem os praticou. Logo, a tendência a fazer reparações pode ser considerada como uma conseqüência do sentimento de culpa.

Ao que tudo indica, Melanie Klein está, aqui, atribuindo um novo sentido ao objeto, que é o de espaço onde a criança realiza seus processos de síntese.

Resulta, portanto, de acordo com Melanie Klein, que a ansiedade depressiva, a culpa e a tendência a fazer reparações só podem ser experimentadas quando os sentimentos de amor para com o objeto predominarem sobre os impulsos destrutivos, o que constitui uma condição essencial para a capacidade de integração do próprio ego e de sintetização dos aspectos contrastantes do objeto.

Uma sistematização completa do desenvolvimento psíquico, desde o nas-

cimento até o período de latência, incluindo a posição esquizo-paranóide, a defesa maníaca, a posição depressiva e a neurose infantil é apresentada por Melanie Klein em “Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê” (1952)(40)

Na posição esquizo-paranóide, salienta Melanie Klein, encontramos uma fase onde o sadismo atinge o seu apogeu. Além disso, estão também presentes nesta posição, o sentimento de avidez ou voracidade (que se manifesta sob a forma de esvaziar o corpo da mãe de tudo o que nele há de bom e desejável); os mecanismos de cisão, projeção, introjeção, idealização, negação e onipotência; o início da formação do superego (introjeção do seio bom e mau); bem como uma capacidade cada vez maior de integração do ego (introjeção do seio bom).

A defesa maníaca, à qual o ego recorre quando não suporta carregar o peso de ter destruído o bom objeto tentando neutralizar a ansiedade persecutória, compreende, segundo Melanie Klein, os mecanismos de negação, idealização, divisão e controle dos objetos internos e externos.

Durante o segundo trimestre do primeiro ano de vida, estabelece-se, de acordo com Melanie Klein, a posição depressiva, da qual fazem parte os primeiros estádios do conflito edípico; os sentimentos de voracidade, inveja, ciúme, amor, gratidão, culpa e reparação; mudanças no desenvolvimento do ego relacionadas à percepção da realidade e adaptação; incremento dos impulsos genitais e formação de símbolos; e os mecanismos de introjeção do objeto completo ou total, reparação e sublimação.

Referindo-se à neurose infantil, Melanie Klein afirmou ser ela uma combinação de processos pelos quais as ansiedades psicóticas são vinculadas, resolvidas, modificadas e elaboradas, e quando esta percorre sem maiores problemas o seu trajeto, as ansiedades persecutórias e depressivas atenuam-se e o equilíbrio entre a libido e a agressão altera-se, o que implica

em importantes mudanças nos processos inconscientes, tanto na estrutura do superego, quanto na estrutura e domínio das partes inconscientes e conscientes do ego.

Os conceitos de identificação projetiva e introjetiva, bem como suas relações com a projeção e a introjeção nos primórdios do desenvolvimento, são retomados por Melanie Klein em "Sobre a Identificação" (1955)(41)

De grande importância para os processos projetivos, sobretudo para aquele em que o bom seio internalizado constitui um ponto central do ego e do qual os bons objetos são projetados sobre os objetos externos, vem a ser a internalização, já que ". . . o bom objeto internalizado é assim uma das pré-condições para um ego integrado e estável e para boas relações de objeto." (41, pág. 79) Ou seja, Melanie Klein acentua que um objeto bom solidamente estabelecido e que implique em um amor solidamente manifesto por ele, concede ao ego sentimentos de abundância e de riqueza, favorecendo, portanto, um extravasamento da libido e a projeção de partes boas do eu sobre o mundo externo. Desta forma, o ego não dominado por uma sensação de empobrecimento ou esvaziamento será capaz de reintrojetar o amor que doou, tanto quanto assegurar a bondade de outras fontes. Isto se torna possível na medida em que se estabelece um equilíbrio entre o dar e o receber, entre a projeção e a introjeção, o que em muito contribui para o processo de enriquecimento do ego.

Por outro lado, o seio incorporado com ódio e vivenciado como destrutivo, além de se tornar, segundo Melanie Klein, o protótipo de todos os objetos internos maus, impele o ego a novas fragmentações e se converte no representante dos impulsos agressivos do indivíduo.

Finalizando, Melanie Klein procura evidenciar os dois tipos de identificação fazendo um estudo do romance "If I Were You" de Julian Green, no qual o personagem Fabian Especel adquire o poder de se transformar em ou-

tras pessoas.

“A Técnica Analítica através do Brinquedo: sua História e Significado” (1955)(42) vem a ser uma apresentação das fases pelas quais o trabalho de Melanie Klein se desenvolveu a partir da utilização do brinquedo na análise de crianças pequenas.

Quando iniciou seu primeiro caso, em 1919, afirma Melanie Klein que a Dra. Hug Hellmuth já realizava algum trabalho psicanalítico com crianças maiores de seis anos de idade. Embora lançasse mão de desenhos, e ocasionalmente do brinquedo como material, não desenvolveu este recurso numa técnica específica.

Abrindo mão do princípio de que, com crianças pequenas, se deviam ministrar as interpretações muito cautelosamente, o que impossibilitava a exploração das camadas mais profundas do inconsciente, Melanie Klein, ao interpretar não só as palavras da criança, mas também suas atividades com os brinquedos, aplicou esse princípio básico à mente infantil, em que a brincadeira e as diversas atividades - na realidade todo o comportamento do pequeno ser - são meios de expressar o que o adulto manifesta particularmente por palavras.

No que concerne à atitude da criança em relação ao brinquedo que danificou, afirma Melanie Klein ser ela reveladora. Por exemplo, tendo destruído um brinquedo que represente um irmão ou um dos pais, a criança, muitas vezes, o põe de lado. Com isso demonstra seu desagrado do objeto danificado, devido ao temor persecutório de que a pessoa atacada, que se fez representar pelo brinquedo, se torne perigosa. O sentimento de perseguição pode ser tão intenso a ponto de encobrir os sentimentos de culpa e a depressão que surgiu a partir do dano cometido. Por outro lado, a culpa e a depressão podem ser fortes o suficiente para incrementar os sentimentos persecutórios. Passado algum tempo, a criança pode buscar o brinquedo que abandonou,

O que para Melanie Klein significa que a análise teve sucesso ao trabalhar certas defesas importantes, diminuindo os sentimentos de perseguição e tornando possível que se experimente o sentimento de culpa e a necessidade de reparação.

Assim, segundo Melanie Klein, “... A importância de tais modificações para a formação do caráter e as relações de objeto, bem como para a estabilidade mental, nunca serão sobrestimadas.” (42, pág. 33)

Em “Inveja e Gratidão” (1957) (43) Melanie Klein efetuou algumas novas sugestões concernentes à mais primitiva vida emocional do bebê, traçou a distinção entre inveja, ciúme, voracidade e também discorreu sobre a gratidão.

Definindo a inveja como um sentimento irado de que outra pessoa possui e desfruta de algo desejável, sendo o impulso invejoso tirá-lo dela ou espoliá-la, Melanie Klein afirma que o seio nutriente é o primeiro objeto a ser invejado, já que o bebê imagina que ele é dotado de tudo o que ele deseja, dispondo de um fluxo corrente de leite e amor, guardando-os para a sua própria gratificação.

Ou seja, nos damos conta de que o seio da mãe aparece como aquilo que incita inveja, isto é, como fundamentalmente objeto da inveja.

Portanto, salienta Melanie Klein, a inveja primária do seio materno, se excessiva, indica que características paranóides ou esquizóides estão exacerbadas, encontrando-se o bebê enfermo, de vez que haverá dificuldades na relação com o bom objeto, pois os ataques sádicos ao seio surgirão em toda a intensidade, com o predomínio de depositar maldade, sobretudo excrementos maus e partes más do eu no seio da mãe, o que equivale à destruição de sua criatividade. Neste sentido, a inveja se relaciona com a projeção destrutiva e torna praticamente inalcançável a tarefa de reconquistar o bom objeto perdido.

Se por um lado Melanie Klein acrescenta que a inveja, como poderosa expressão de impulsos sádico-orais e sádico-anais, possui uma base inata, sendo constitucional, por outro, ressalta que a variedade de experiências externas, pelas quais passa o bebê, é também um fator decisivo para o seu desenvolvimento.

Uma das conseqüências da inveja excessiva é o desencadeamento da culpa. Esta, se experimentada por um ego ainda não capaz de suportá-la, é sentida como perseguição, transformando-se o objeto que desperta a culpa em perseguidor. Desta forma, Melanie Klein assinala que a culpa acha-se vinculada à inveja do seio que alimenta e à sensação de haver espoliado sua bondade através de ataques invejosos. Porém, caso o objeto primário tenha sido estabelecido com relativa facilidade na tenra infância, “... a culpa despertada por tais sentimentos pode ser enfrentada com mais sucesso porque, então, a inveja é mais transitória e menos suscetível de colocar em perigo a relação com o objeto bom.” (43, pág. 60)

É compreensível, afirma Melanie Klein, que o seio satisfatório também seja invejado, pois a própria facilidade com que o leite chega, embora o bebê se sinta por isso gratificado, também origina esse sentimento.

Numerosas defesas podem ser utilizadas contra a inveja. Melanie Klein destaca, entre outras, a idealização, a confusão entre o objeto bom e o mau, a fuga da mãe para outras pessoas, a desvalorização do objeto, o asfixiamento dos sentimentos de amor e a correspondente intensificação do ódio, etc.

O ciúme, segundo Melanie Klein, se baseia na inveja, porém envolve uma relação com pelo menos duas pessoas. Diz respeito especialmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi retirado, ou se acha em perigo de sê-lo, por um rival. Ou seja, o ciúme se baseia na suspeita do pai e na rivalidade com este, que é acusado de haver se apossado do seio materno e da mãe. Esta rivalidade assinala os primeiros estágios do

complexo edípico.

Quanto à voracidade, Melanie Klein a considera uma ânsia impetuosa e insaciável, a exceder aquilo que o indivíduo necessita e o que o objeto se acha capacitado e disposto a dar. Inconscientemente significa esvaziar, deixar seco e devorar o seio, sendo seu objetivo, a introjeção destrutiva.

Para Melanie Klein, a inveja, a voracidade e a ansiedade persecutória acham-se estritamente vinculadas, intensificando uma à outra, visto que a sensação do dano causado pela inveja, a ansiedade dele proveniente e a incerteza quanto à bondade do objeto, incrementam tanto a voracidade quanto os impulsos destrutivos.

Manifestando-se a respeito do sentimento de gratidão, afirmou Melanie Klein ser ele um dos principais derivados da capacidade de amar; pois “... é essencial à construção da relação com o objeto bom e fundamenta também a apreciação da bondade nos outros e em si próprio.” (43, pág. 45) Suas raízes são encontradas nas emoções e atitudes que surgem no mais primitivo estágio da infância, quando a mãe constituía o único e exclusivo objeto, de maneira que este sentimento vincula-se à confiança em figuras boas, o que implica na capacidade de assimilar o objeto primário amado, sem que a voracidade e a inveja interfiram demais. Assim, quanto maior a gratificação ao seio, tanto mais freqüentes serão a satisfação, a gratidão e também o desejo de retribuir o prazer.

Finalmente, para Melanie Klein, se a ansiedade persecutória e os mecanismos esquizóides são diminuídos, a posição depressiva pode ser elaborada. Se a incapacidade inicial para estabelecer um objeto bom é, até certo ponto vencida, a inveja diminui e a capacidade de prazer e gratidão aumenta.

“Sobre el Desarrollo del Funcionamiento Mental” (1957) (44) apresentado em Paris, durante o Congresso Internacional de Psicanálise, consiste numa contribuição à metapsicologia, numa tentativa de ir além das teorias

fundamentais de Freud sobre o tema em questão, tendo por base conclusões re tiradas da prática psicanalítica. Trata-se de uma espécie de síntese das concepções kleinianas acerca do desenvolvimento do ego e do superego. Nele Melanie Klein não apresenta nada que não tenha feito parte de seus trabalhos anteriores, referindo-se novamente à fusão dos impulsos destrutivos com a libido, à projeção e à introjeção e às defesas que o ego precoce tende a mobilizar contra a ansiedade que o assola.

Ao retomar seu conceito acerca dos processos primários de dissociação, Melanie Klein afirma que “. . . para el desarrollo normal es esencial que en la más temprana infancia tenga lugar la división entre el objeto bueno y el malo, entre amor y el odio. Cuando tal división no es demasiado severa pero lo suficiente como para diferenciar entre bueno y malo, forma, según mi punto de vista, uno de los elementos básicos para la estabilidad y salud mental. Esto significa que el yo es suficientemente fuerte como para no ser abrumado por la ansiedad y que junto con la disociación se está llevando cierta integración. . . (de tal forma que) . . . la integración y síntesis de los objetos puede ser eventualmente mejor lograda.” (44, pág.205, 206)

Dos últimos trabalhos de Melanie Klein, “Nosso Mundo Adulto e suas Raízes na Infância” (1959)(45) aborda o desenvolvimento do indivíduo até a maturidade com especial ênfase nas tendências fundamentais da criança de tenra idade.

Utilizando-se da técnica do brinquedo, Melanie Klein pôde conseguir uma compreensão mais clara de como a vida mental é influenciada por emoções primitivas e fantasias inconscientes, além de compreender que os impulsos destrutivos, variando de indivíduo para indivíduo, constituem parte integrante da vida psíquica, fato que a levou a considerar o desenvolvimento da criança e a atitude dos adultos como resultantes da interação entre influên

cias internas e externas.

À luz de seu trabalho psicanalítico com crianças, Melanie Klein também reconheceu que a introjeção e a projeção funcionam, desde o começo da vida pós-natal, como uma das atividades mais primitivas do ego e chegou à conclusão que “. . . o amor e o ódio para com a mãe estão vinculados à capacidade da criança em idade muito tenra de projetar todas as suas emoções sobre ela, tornando-a assim tanto um objeto bom como perigoso.”(45, pág.7)

Como vimos acima, a mãe introjetada constitui, para Melanie Klein, um fator fundamental no desenvolvimento, o que possibilita a identificação com um pai bom e posteriormente com outras figuras amigas, bem como possibilita relações de objeto praticamente desde o nascimento. O ego se desenvolve em grande parte ao redor desse bom objeto e o mundo interno infantil passa a conter, predominantemente, objetos e sentimentos bons, que o pequeno sente que correspondem ao seu amor.

Mas paralelamente a isso, salienta Melanie Klein, a agressividade e o ódio também permanecem operantes e uma expressão disso é, por exemplo, a rivalidade com o pai resultante dos desejos do menino em relação à mãe.

Depois de se remeter à posição esquizo-paranóide e à posição depressiva, Melanie Klein finalmente acentua que se encararmos nosso mundo adulto do ponto de vista de suas raízes na infância, ganhamos uma visão interior da maneira pela qual nossa mente, hábitos e conceitos se estruturam a partir de fantasias e emoções da mais tenra infância até as manifestações adultas mais complexas e elaboradas.

4 - CONCLUSÕES

Ao analisarmos os pressupostos de Freud, Abraham, Fairbairn e Sullivan acerca do tema que estivemos investigando, dissemos, no segundo capítulo, que não podemos, em psicanálise, falar de objeto sem falar de relação de objeto e de relacionamento interpessoal, e concluímos também, que na teoria psicanalítica o termo objeto tem uma amplitude bem maior do que possa parecer à primeira vista.

Todavia, se por um lado o exame dos autores acima citados permite demonstrar a amplitude que tem o conceito de objeto em psicanálise, não sendo necessário repetir aqui as maneiras como cada um tratou do tema, por outro, a contribuição teórica de Melanie Klein enriquece-o consideravelmente, a ponto de termos encontrado mais de uma dezena de nuances de significado para o mesmo, devido à multiplicidade do conceito. Ou seja, nos demos conta de que o conceito de objeto é multifacetado, compreendendo diversas acepções. Senão, vejamos.

Referindo-se ao superego como a faculdade resultante do desenvolvimento edípico através da introjeção dos objetos edípicos, e que com a passagem do complexo de Édipo assume forma duradoura e inalterável, Melanie Klein ressaltou diferir ela fundamentalmente dos objetos que iniciaram realmente o seu desenvolvimento. Os atuais objetos de amor são agora imagos dos objetos originais. Portanto, como o sujeito visa ter onde depositar tais imagos, podemos então falar em objeto como receptáculo das imagos.

Na análise de Inge, Melanie Klein demonstrou que o objeto do desejo da menina (pênis do pai) relacionava-se também com a satisfação dos desejos de sua mãe, já que de posse do pênis poderia seduzir esta última. Desta forma, o pênis do genitor aparece como um objeto com uma finalidade instrumental, isto é, objeto que possibilita triunfar sobre o pai e seduzir a mãe.

Tendo demonstrado que o adolescente toma para seu modelo heróis e grandes homens e que, pelo fato desses objetos se encontrarem afastados, ele pode se identificar muito mais facilmente com os mesmos, encontrando, deste modo, uma espécie de supercompensação para os sentimentos negativos que lhe inspiram as suas imagos paternas, Melanie Klein ressaltou, assim, o objeto que permite a identificação.

Por outro lado, já que a criança bem adaptada, como salienta Melanie Klein, é aquela que, entre outras coisas, tem relações realmente boas, e não exageradamente afetuosas com o seu objeto, podemos, então, falar em objeto como aquilo com que a criança interage. Ou seja, como referência externa para observação de como ela se relaciona.

Encontramos também freqüentemente o termo objeto unido à palavra relação, significando esta, um relacionamento intersubjetivo. Nessas circunstâncias podemos falar em objeto como uma adjectivação do conceito de relação.

Prosseguindo a análise que nos propusemos, verificamos ainda que Melanie Klein levantou a hipótese de que a relação objetal é também determinada pelo modo como a criança vivencia seus objetos do mundo exterior, o que faz com que esses últimos se transformem numa espécie de arena, na qual ela aciona suas lutas, impulsos e conflitos. Dessa maneira, enfatizou o objeto com o sentido de depositário.

O fato do indivíduo criar um quadro distorcido de seus objetos é perfeitamente compreensível, se levármos em conta o papel desempenhado por seus impulsos agressivos no curso do desenvolvimento, tanto que o objeto como um dos termos do binômio "impulso-objeto" é freqüentemente encontrado na obra de Melanie Klein. Ou seja, impulso que busca um objeto, e objeto que ganha, por sua vez, coloração estabelecida pelo impulso. Assim, através da introjeção, o objeto colorido pelo impulso se transforma em agente de constituição das dimensões da realidade interna.

Porém, quando através da projeção, a importância dos objetos externos acentua-se, já que é em relação a eles que serão agora ativados tanto os impulsos destrutivos quanto as tendências positivas e reativas, Melanie Klein acaba acentuando o objeto como objetivação do subjetivo. Isto é, como permitindo um maior domínio dos impulsos instintivos e perigos internos, na medida em que há um deslocamento dos mesmos para o exterior.

Se, contudo, na fase de exacerbação do sadismo a criança pequena também é dominada pelo temor de sofrer ataques cruéis por parte dos objetos que danificou, no curso do desenvolvimento normal, quando se instala a etapa genital, os impulsos sádicos já foram normalmente superados. De vez que as relações de objeto adquirem um caráter positivo, já que surgem imagos benéficas e úteis baseadas na fixação à etapa oral de sucção e que se aproximam mais realisticamente dos objetos reais, podemos, pois, falar em objeto como veículo de alívio.

Mas quando o funcionamento do superego modifica-se de forma tal que o sentimento de culpa predomina sobre a angústia, mecanismos de defesa, responsáveis pela base de uma atitude moral e ética, passam para o primeiro plano. Nessas circunstâncias podemos encarar o objeto como o lugar comum onde se desenvolve o zelo pelo outro, raiz de toda formulação moral e ética, como basicamente uma via de socialização.

Como vimos anteriormente, da mesma maneira que a criança, ao passar pela posição depressiva luta em seu inconsciente com a tarefa de integrar seu mundo interno, o sujeito enlutado também sofre a pena de restabelecer esse mesmo mundo, defrontando-se, porém, com o perigo de dirigir para si mesmo, o ódio que nutria para com a pessoa amada perdida. É somente ganhando confiança gradual nos objetos externos e nos valores de várias espécies, que ela será capaz de fortalecer sua crença na pessoa amada e perdida, aceitando assim, a imperfeição do objeto. Neste sentido, podemos, portanto,

falar em objeto como aquilo em que se manifestam as atitudes predominantes que vão configurá-lo, para que ele se constitua num alicerce da realidade interna, em função de como é elaborado o luto. Objeto do luto, mas precisamente.

Vimos ainda que as agressões contra o seio materno convertem-se rapidamente em ataques contra o corpo da mãe, de maneira que partes destacadas do ego também são nela projetadas. Assim, muito do ódio contra partes do eu passa a ser, portanto, dirigido para a mãe. Por outro lado, partes boas também são expelidas e projetadas. Ou seja, no primeiro caso os excrementos introduzidos na mãe têm a finalidade de danificar e controlar esse objeto. Todavia, no segundo, simbolizam ofertas e partes amorosas do eu. Como a projeção e a introjeção encontram-se em constante processo de interação, no que diz respeito a esta última, Melanie Klein assinalou a importância da internalização do bom objeto (ponto focal no ego) como uma pré-condição para a boa evolução da criança. Logo, podemos dizer que é o tratamento que a criança dá ao seu objeto que constitui seu próprio ego, e podemos compreender também o objeto como veículo de constituição do próprio ego.

De vez que, desde o início da vida, o ego tende a integrar-se e a sintetizar os diferentes aspectos do objeto (impulsos destrutivos e sentimentos de amor), este último ganha, pois, o sentido de objeto como espaço onde a criança realiza seus processos de síntese.

Finalmente, já que o seio da mãe é o primeiro objeto a ser invejado, podemos caracterizá-lo como um objeto que incita inveja, isto é, objeto de inveja.

Uma vez apresentadas as diversas nuances do significado do termo objeto na obra de Melanie Klein, nuances essas que, a nosso ver, não se excluem mutuamente, gostaríamos de responder às perguntas levantadas no início do terceiro capítulo.

Assim, primeiramente, o conceito de objeto é fundamental na contribuição teórica de Melanie Klein, acionando de fato, o desenvolvimento de seu pensamento. É empregado ao longo de toda a sua obra, tanto em seus trabalhos teóricos quanto técnicos. A propósito desses últimos, verificamos que o manejo da transferência implica em mudanças na maneira do paciente se relacionar com seus objetos, e que o crescimento propicia a passagem da consideração do objeto apenas como utensílio de descargas, para chegar a considerá-lo nas dimensões de pessoa real, isto é, objeto pessoalizado ou total.

Em segundo lugar, o conceito de objeto se mantém insistente e consistente na obra de Melanie Klein. Já aparece nos primeiros trabalhos de sua primeira fase, presentificando-se ainda mais no final da mesma. Ganha uma maior sistematização a partir de 1934 em "Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos", onde Melanie Klein consegue articular os diversos achados de trabalhos anteriores procurando constituir um todo.

Por último, relaciona-se e enriquece-se com outros conceitos ou hipóteses fundamentais, sem os quais não seria compreendido, tais como os impulsos agressivos e amorosos, a fase de exacerbação do sadismo, as ansiedades persecutória e depressiva, os processos de fragmentação, a projeção, a introjeção, as defesas maníacas, a inveja, a voracidade, as tendências à reparação e as posições esquizo-paranóide e depressiva. Estamos convencidos de que é esta interinfluência que é a responsável pela multiplicidade do conceito.

Dessa forma, o conceito de objeto aparece em psicanálise e na contribuição teórica de Melanie Klein, como uma espécie de espelho. Não indiferente, já que a realidade do objeto é importante para a reintrojeção do mesmo, e nem tampouco bidimensional, mas tridimensional, com uma dimensão de profundidade, a qual permite que ele seja veículo do conhecimento das vertentes mais profundas da realidade psíquica. Exatamente por isso, torna-se,

pois, possível, a prática psicanalítica.

Também não se opõe, de modo algum, ao sentido filosófico mais amplo do objeto como aquilo que lanço diante de mim, aquilo com que eu me confronto, incluindo, porém, todo o colorido do interjogo dos instintos, impulsos, afetos, fantasias e fantasmas, que só são plenamente evidenciados e encenados na situação específica da "relação de objeto psicanalítica", entendida como a mais íntima experiência interhumana, responsável pelo aparecimento mais nítido de todos esses fenômenos interacionais ou interpessoais, que o exercício tradicional da filosofia não havia posto em execução.

Por outro lado, como ao apreender os seus objetos o sujeito nunca será totalmente objetivo, na medida em que participando de sua existência lhes configura uma certa organização, pressupõe ainda o entendimento kantiano da relação sujeito-objeto.

No que concerne à relação de objeto na obra de Melanie Klein, sua vocação é tender para uma forma mais plena que é a relação interpessoal no sentido sullivaniano, e que também, como vimos, está implícita em Fairbairn, onde o outro é aceito como pessoa dotada de vida própria e liberdade. Trata-se, porém, de um relacionamento interpessoal ainda precário, parcial e perverso, na caminhada para a maturidade. Assim, as concepções de Freud, Abraham, Fairbairn, Sullivan e também de Melanie Klein, longe de se excluírem, se completam. Mas temos de estudar os conceitos desses autores dentro do universo de entendimento de cada um, como tentamos fazer com o estudo do conceito de objeto na contribuição teórica de Melanie Klein, já que a essa dissertação não cabe esgotar cada um desses universos.

A relevância de se escrever um trabalho sobre o conceito de objeto, pensamos, é prestar ao analista, num apanhado globalizante de toda a obra de Melanie Klein, um subsídio fundamental para sensibilizá-lo, quanto ao entendimento de sua função na prática terapêutica, pois embora sujeito, ele

precisa aceitar a função de objeto da vida de fantasia impulsiva, de realidade interna do seu paciente. Isto significa que a melhor leitura que pode ser feita dessa dissertação será a de procurar nela uma espécie de itinerário das diversas vias através das quais o paciente poderá usar seu analista. É em se permitindo ser usado como objeto pelo paciente que aquele vai permitir a este último, ter acesso às diversas facetas do funcionamento de sua vida psíquica. É em permitindo que o paciente o utilize como objeto para realizar seus processos de fragmentação, projeção, introjeção, ataque, perseguição, inveja, reparação, etc., que ele vai permitir não somente que o paciente ganhe entendimento de sua realidade psíquica, como também que ele realize os processos de amadurecimento, na relação com esse objeto atual, que ele não pôde realizar na época adequada com seus objetos primários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ABRAHAM, K. "Breve estudo do desenvolvimento da libido à luz das perturbações mentais". In: ———. Teoria psicanalítica da libido. Rio de Janeiro, Imago, 1970.
- 2 - BION, W. R. "Melanie Klein". In: The international journal of psychoanalysis, 1961, v. XLII: 4-8.
- 3 - CAVALCANTI, J. F. O conceito de identificação na contribuição teórica de Melanie Klein, tese apresentada na PUC/RJ, 1978.
- 4 - FAIRBAIRN, W. R. D. Estudio psicoanalítico de la personalidad. Buenos Aires, Hormé, 1978.
- 5 - FREUD, S. "Tres ensayos para una teoria sexual" (1905). In: ———. Obras Completas. tomo II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
- 6 - ———. "Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranóia ("de mentia paranoides") autobiograficamente descrito" (1910-1911) In: ———. Obras completas. tomo II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
- 7 - ———. "Introducción al narcisismo" (1914). In: ———. Obras completas. tomo II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
- 8 - ———. "Los instintos y sus destinos" (1915). In: ———. Obras completas. tomo II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
- 9 - ———. "Mas allá del principio del prazer" (1919-1920). In: ———. Obras completas. tomo III, Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
- 10 - GEETS, C. Melanie Klein. Paris, Psychothèque Éditions Universitaires, 1971.
- 11 - HOFFER, W. "Melanie Klein". In: The international journal of psychoanalysis, 1961. v. XLII: 1-3.
- 12 - KLEIN, M. "O desenvolvimento de uma criança" (1921). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.

- 13 - KLEIN, M. "A análise infantil" (1923). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 14 - ———. "Uma contribuição à psicogênese dos tiques" (1925). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 15 - ———. "Princípios psicológicos da análise infantil" (1926). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 16 - ———. "Simpósio sobre a análise infantil" (1927). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 17 - ———. "Primeiras fases do complexo de Édipo" (1928). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 18 - ———. "A personificação nos jogos das crianças" (1929). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 19 - ———. "A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego" (1930). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 20 - ———. "Fundamentos psicológicos da análise infantil" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 21 - ———. "A técnica da análise da criança pequena" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 22 - ———. "Neurose obsessiva numa menina de seis anos" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 23 - ———. "A técnica da análise no período de latência" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 24 - ———. "A técnica da análise na puberdade" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 25 - ———. "A neurose da criança" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.

- 26 - KLEIN, M. "As atividades sexuais da criança" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 27 - ———. "Primeiros estádios do conflito edípico e da formação do superego" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 28 - ———. "As relações entre a neurose obsessiva e os primeiros estádios do superego" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 29 - ———. "O significado das primeiras situações de angústia no desenvolvimento do ego" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 30 - ———. "Os efeitos das primeiras situações de angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 31 - ———. "Os efeitos das primeiras situações de angústia sobre o desenvolvimento sexual do menino" (1932). In: ———. Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- 32 - ———. "O desenvolvimento inicial da consciência na criança" (1933). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 33 - ———. "Sobre a criminalidade" (1934). In: ———. Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 34 - ———. "Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos" (1934). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 35 - ———. "Amor, culpa e reparação" (1937). In: KLEIN, M. & RIVIÈRE, J. Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

- 36 - KLEIN, M. "O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos" (1940). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 37 - ———. "O complexo de Édipo à luz das primeiras ansiedades" (1945). In: ———. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 38 - ———. "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides" (1946). In: RIVIÈRE, J. org. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- 39 - ———. "Sobre a teoria da ansiedade e culpa" (1948). In: RIVIÈRE, J. org. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- 40 - ———. "Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê" (1952). In: RIVIÈRE, J. org. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- 41 - ———. "Sobre a identificação" (1955). In: ———. O Sentimento de solidão. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- 42 - ———. "A técnica psicanalítica através do brinquedo: sua história e significado" (1955). In: KLEIN, M. et al. org. Novas tendências na psicanálise. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- 43 - ———. Inveja e gratidão (1957). Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- 44 - ———. "Sobre el desarrollo del funcionamiento mental" (1957). In: ———. Las emociones básicas del hombre. Buenos Aires, Editorial Nova, 1964.
- 45 - ———. "Nosso mundo adulto e suas raízes na infância". In: ———. O sentimento de solidão. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- 46 - LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. Santos, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1977.
- 47 - MORA, J. F. Diccionario de filosofia. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1966.

- 48 - SEGAL, H. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- 49 - SOUZA, D. S. "Prefácio à edição brasileira". In: KLEIN, M. et al. org. Novas tendências na psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- 50 - SULLIVAN, H. S. Teoria interpersonal de la psiquiatria. Buenos Aires, Psiquê, 1972.
- 51 - ZETZEL, E. R. "Melanie Klein, 1882 - 1960". In: Psychoanalytic quarterly. 1961. v. 30: 420-425.
- 52 - ZIMMERMANN, D. "Apresentação à edição brasileira". In: KLEIN, M. Inveja e gratidão. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Terezinha Feres Carneiro

Terezinha Feres Carneiro
PUC/RJ - Depto. Psicologia

Carlos Paes de Barros

Carlos Paes de Barros
PUC/RJ - Depto. Psicologia

Anamaria Ribeiro Coutinho

Anamaria Ribeiro Coutinho
PUC/RJ - Depto. Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, Agosto de 1980

Vera Maria Ferrão Candau

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas